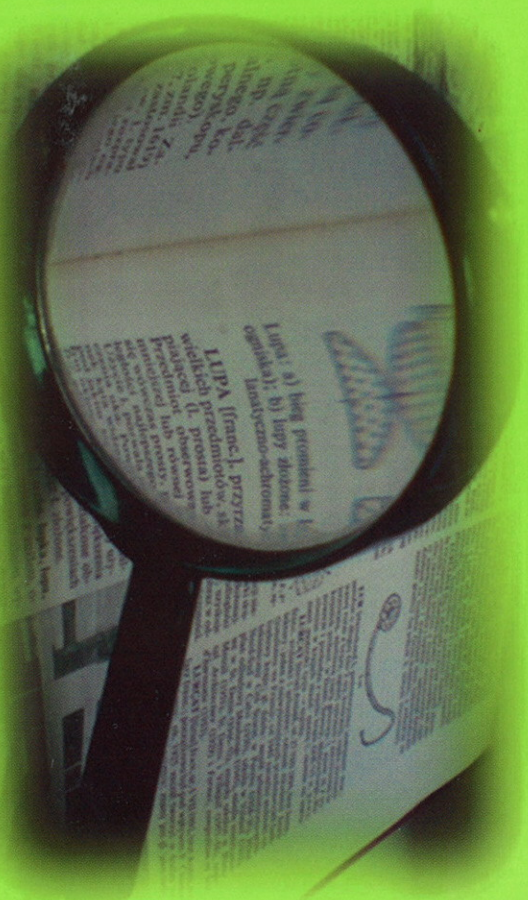


**ANTÓNIO MARIA VELOSO BENTO**  
*Universidade da Madeira*



# AS ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: DO TÍTULO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*As etapas do processo de investigação: do título às referências bibliográficas* tem um propósito muito simples. Foi idealizado de forma a proporcionar conselhos práticos aos alunos do ensino superior e, muito particularmente, aos mestrandos que estão na fase inicial do seu trabalho de investigação. Fazemos votos para que este livro seja particularmente proveitoso para os que se iniciam no processo de investigação, mas também estamos em crer que muitos alunos já experientes no processo de investigação podem encontrar neste livro algo de útil e também proveitoso.

**António V. Bento** é Professor Auxiliar com Nomeação Definitiva e Director do Mestrado em Educação, área de Administração Educacional no Centro de Competência das Ciências Sociais (Departamento de Ciências da Educação) da Universidade da Madeira.

## O que pode encontrar neste livro:

- Como estruturar a sua dissertação
- Como evitar plágio
- Como citar e transcrever
- Como organizar-se eficazmente
- Como se preparar para o seu dia D (Defesa)
- Como fazer referências segundo a APA
- Como fazer referências segundo a ABNT
- 79 Perguntas (possíveis) na Defesa
- etc.

**4,99 €**  
CONTÉM SUGESTÕES  
PRÁTICAS PARA AQUELES QUE  
ESTÃO A ELABORAR  
PRE-PROJECTOS, DISSERTAÇÕES  
E TESIS  
Contém as NORMAS ABNT

Colecção *Ideias em Prática*  
Funchal \* 2011

ISBN: 978-989-97490-0-9



**\*\*APA\*\***

VERSÃO MAIS COMPLETA EM  
[www.uma.pt/bento](http://www.uma.pt/bento) (Repositório)

**Livro de um só autor:**

Sousa, J. (2000). O professor como pessoa. Porto: Edições Asa

**Livro com dois organizadores:**

Bento, A. & Mendonça, A. (Orgs.) (2010).

*Educação em tempo de mudança: Liderança, currículo, inovação e supervisão* (2ª ed.). Porto: ITC

**Capítulo de livro:**

Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J.

Lima & J. Pacheco (Orgs.). *Fazer investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.

**Artigo num jornal ou revista (não científico):**

Gomes, C. (2011, 8 de Janeiro). Parecer sobre Minas Gerais pode pôr fim ao embargo. *Jornal da Madeira*, p. 3.

**Artigo numa revista electrónica:**

Correia, J. & Caramelo, J. (2010).

Autonomias e dependências do campo de investigação educacional em Portugal. *Síntese: Revista de Ciências da Educação*, 12, 27-36. Recuperado de <http://sisifo.fcece.ul.pt/?i=30&p=27>

**Dissertação não publicada:**

Silva, S. (2010). Liderança escolar e aprendizagem discente: Que simbiose? Um estudo de caso numa escola secundária da Região Autónoma da Madeira (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade da Madeira, Funchal.

✓ – Todas as referências feitas no texto devem figurar na Lista das Referências

✓ – Nas citações ou paráfrases, ordenar alfabeticamente dois ou mais trabalhos dentro de parênteses. Se os trabalhos são do mesmo autor, ordenar pelo ano de publicação.

\*\*\*\*\*

[www.uma.pt/bento](http://www.uma.pt/bento)

001-0

69531

REN ANTÓNIO MARIA VELOSO BENTO  
Ex. 3  
Universidade da Madeira

# AS ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: DO TÍTULO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UNIVERSIDADE DA MADEIRA  
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO  
E ARQUIVO

OFERTA	DE:
	Aurora
	08/02/2013

Título  
AS ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO:  
DO TÍTULO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autor  
ANTÔNIO MARIA VELOSO BENTO

1.<sup>a</sup> Edição, Outubro de 2011  
500 Exemplares  
Depósito Legal N.º 334268/11  
ISBN: 978-989-97490-0-9

Paginação:  
Paulo Nunes

Execução Gráfica:  
Figueirinhas - Porto

Reservados todos os direitos

## DEDICATÓRIA

*Aos meus alunos*

*Aos meus colegas*

# ÍNDICE

Dedicatória.....	5
Índice.....	7
Índice de Tabelas.....	9
Nota Introdutória.....	11
<b>1.ª PARTE</b>	
<b>AS ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: DO TÍTULO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
<b>1. PARTES DE UM TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1. TÍTULO.....	15
1.2. RESUMO.....	15
1.3. INTRODUÇÃO.....	17
1.3.1. Problema de investigação.....	20
1.3.2. Questões ou perguntas de investigação.....	20
1.3.3. Hipóteses.....	20
1.3.4. Justificação da temática, delimitações e limitações do estudo.....	21
1.4. REVISÃO DA LITERATURA.....	21
1.4.1. Elementos da literatura em forma de questões.....	24
1.4.2. Passos importantes na condução dum revisão da literatura.....	25
1.4.3. Reunindo recursos.....	25
1.4.4. Registo da fonte.....	26
1.5. METODOLOGIA (Desenho da investigação).....	27
1.6. RESULTADOS.....	29
1.7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	30
1.8. CONCLUSÕES.....	31
1.9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
1.10. ABREVIATURAS MAIS COMUNS.....	32
<b>2. REGRAS E EXEMPLOS DE ACORDO COM AS NORMAS DA APA (American Psychological Association).....</b>	<b>35</b>
2.1. Normas para apresentação de números.....	35
<b>3. CITAÇÕES E REFERÊNCIAS SEGUNDO AS NORMAS DA APA (American Psychological Association).....</b>	<b>39</b>
3.1. CITAÇÕES E PARÁFRASES.....	39
3.2. COMO FAZER (EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS).....	43
BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA RECOMENDADA.....	49
GLOSSÁRIO FUNDAMENTAL E SINTÉTICO.....	50

**SUGESTÕES PRÁTICAS** ..... 69

a) Dúvidas e “momentos em baixo” ..... 69

c) Planeamento ..... 69

d) Períodos de lazer ..... 70

e) Perdas de tempo ..... 70

f) Participação e apresentações em encontros científicos ..... 71

g) Selecionar um tópico ..... 71

h) Algumas orientações para a selecção de um tópico ..... 72

i) O problema ..... 73

j) Escrita ..... 73

k) Espaço para a escrita ..... 75

l) Escreva, reescreva, reescreva ..... 76

m) Levante o dedo ..... 77

n) Como evitar plágio ..... 79

o) Preparação da Defesa ..... 80

p) Durante a defesa ..... 81

q) ..... 82

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A**

**DISSERTAÇÕES/TESES** ..... 87

**APÊNDICE B**

**PERGUNTAS SUSCEPTÍVEIS DE OCORREREM NA SUA DEFESA** ..... 91

**APÊNDICE C**

**NORMAS DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BRASILEIRAS** ..... 97

1. Artigos científicos publicados em revistas ..... 98

2. Livros ..... 98

3. Teses e Dissertações ..... 99

4. Trabalhos apresentados em eventos científicos ..... 99

5. Legislação ..... 100

6. Páginas da Internet e consulta electrónica (online) ..... 100

**APÊNDICE D**

**PPF – PERGUNTAS FEITAS FREQUENTEMENTE** ..... 101

**APÊNDICE E**

**PARTES PRINCIPAIS DE UMA DISSERTAÇÃO OU TESE** ..... 105

**ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1: O Problema ..... 19

Tabela 2: A hipótese ..... 19

Tabela 3: Revisão da literatura ..... 27

Tabela 4: Sujeitos e procedimentos da amostra ..... 29

Tabela 5: Instrumentos ..... 29

Tabela 6: Abreviaturas latinas ..... 33

Tabela 7: Abreviaturas utilizados nas referências bibliográficas ..... 34

## NOTA INTRODUTÓRIA

Este pequeno livro tem um propósito muito simples. Foi concebido para proporcionar conselhos práticos aos alunos do ensino superior e, muito particularmente, aos Mestrandos que estão na fase inicial do seu trabalho de investigação. Fazemos votos para que este pequeno livro seja particularmente proveitoso para os que se iniciam no processo de investigação, mas também estamos em crer que muitos alunos já experientes neste processo irão encontrar neste livro algo de útil e vantajoso.

A concepção desta bibliográfica teve o seu desenvolvimento aquando da nossa leccionação da disciplina de *Investigação em Educação* às turmas de Mestrado. Chegámos à conclusão de que muitos alunos Mestrandos recebem pouco ou nenhum “treino prático” em como desenvolver as etapas do processo de investigação.

Agradecemos aos muitos alunos que contribuíram directa e indirectamente para a concretização deste pequeno livro.

## **1ª PARTE**

### **AS ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: DO TÍTULO ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

De acordo com Cristóvão (2001), a investigação não tem de ser um processo complexo e tem objectivos muito específicos. Nas suas palavras,

A investigação rigorosa não precisa de ser complicada, e deve ter como objectivo maior a atingir, através de meios adequadamente suficientes, o de fazer avançar os conhecimentos, descobrindo coisas novas, ou fazendo avançar ou corrigir o que anteriormente foi recebido (p. 9)

Diz ainda o mesmo autor, que num processo de investigação se deve:

Usar a bibliografia adequada, quer a geral de enquadramento da questão, quer a específica do tema, evitando-se o mais possível as obras de divulgação (que só excepcionalmente se citam), procurando-se sempre usar as edições corrigidas e aumentadas, se existirem. (ibid. p. 11)

---

## 1. PARTES DE UM TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

---

### 1.1. TÍTULO

O trabalho de investigação começa pelo título e nome ou nomes dos autores. Os bons títulos dizem ao leitor, em 12 palavras ou menos (APA 2.01), acerca dos grandes factores, tipo de sujeitos ou questões que foram estudados.

O título deve resumir a ideia principal do trabalho de investigação numa maneira simples, clara e com estilo. Deve ser uma afirmação concisa do tópico principal da investigação e deve identificar as variáveis ou questões teóricas em estudo e as relações entre elas. Portanto, “O título expressa a delimitação, o horizonte temporal e a abrangência espacial do que se pretende pesquisar” (Reis, 2010, p. 21). Um exemplo de um bom título seria o seguinte: “*Efeitos de transformar letras em velocidade de leitura*” (APA, p. 23). O título deve ser auto explicativo quando está isolado. Muito embora, a sua finalidade seja informar o leitor acerca do estudo realizado, o título é usado também como uma afirmação do conteúdo para ser incluído como referência nas bases de dados. A APA recomenda evitar o uso de abreviações nos títulos. A afiliação profissional do autor é apresentada em muitos trabalhos, particularmente, artigos científicos, imediatamente a seguir ao título.

### 1.2. RESUMO

Muitos trabalhos de investigação, muito especialmente, os artigos científicos, as dissertações e as teses têm a seguir ao título e ao autor um resumo. O resumo, em revistas científicas e dissertações, têm, normalmente, entre 50 e 150 palavras e, frequentemente, num tipo de letra menor que o resto do trabalho. Nas dissertações e teses, o resumo varia entre as 150 e as 300 palavras. O resumo é um breve sumário do estudo, incluindo o problema, os métodos usados e as grandes conclusões. Lendo o resumo, o leitor, normalmente, aprende o bastante para decidir se deve ou não ler o trabalho completo. O resumo não precisa, necessariamente, de incluir informações sobre a literatura da área e não devem ser incluídas referências bibliográficas. O objectivo deve ser claro, informando, caso seja apropriado, qual o problema e as hipóteses ou questões de investigação. Portanto, o resumo precisa de ser denso em informação e pode muito bem ser a parte mais importante do trabalho uma vez que muitas pessoas têm o seu primeiro e (muitas vezes único) contacto com o trabalho através do resumo. As-

sim, o resumo deve conter as seguintes características: rigor, isento de opinião, coerente, de fácil leitura e conciso.

No caso de relatórios ou comunicações breves de pesquisa, o resumo deve apresentar brevemente os objetivos, método, resultados e discussão do estudo.

Para os relatórios de investigação, o método deve oferecer informações breves sobre os participantes, instrumentos e procedimentos especiais utilizados. Apenas os resultados mais importantes, que respondem aos objetivos da investigação devem ser mencionados no resumo.

De acordo com as normas da APA (American Psychological Association) o resumo descreve o problema e os sujeitos, métodos específicos usados, e um sumário dos resultados e conclusões (APA 2.04). De igual modo como o título, o resumo serve para o leitor decidir se deve ler o artigo ou dissertação/tese completo

Quando fazê-lo? O resumo DEVE ser escrito depois de completo o trabalho. NÃO TENHA escrever o resumo antes de o trabalho estar completo.

Para escrever o resumo, escreva respostas breves às seguintes questões:

- Que temática ou problema este trabalho aborda?
- Que argumentos tentei provar ou que soluções apresento?
- Como é que conduzi este trabalho?
- Quais os principais resultados/descobertas/conclusões?

Na verdade, o resumo é umas das mais importantes partes dum relatório, dissertação e tese. É a secção que muitas pessoas lêem, e dá aos leitores uma ideia geral do trabalho. O resumo, portanto, deve ser escrito em último lugar e com muito cuidado. Aqui ficam as secções do resumo e as origens dessas secções:

Apresentação do problema – “Introdução”

Breve descrição da metodologia – “Material e métodos” ou “Metodologia”

Principais descobertas – “Resultados”

Conclusões – “Discussão” ou “Conclusões”

O resumo deve ser escrito numa linguagem simples. Use os verbos no passado, escreva na terceira pessoa, e minimize o uso de linguagem técnica. Inclua apenas ideias e asserções patentes no trabalho. Comece sempre o resumo numa nova página.

O resumo não deve incluir referências a quadros, gráficos ou tabelas, descrições de trabalhos publicados ou citações. Conclua o resumo com um ou dois pontos principais da discussão ou conclusão.

O resumo também deve ser específico. Deve conter os objetivos do trabalho, e as razões que conduziram à sua realização, os métodos usados, os resultados e as conclusões mais importantes.

A seguir ao resumo, seguem-se cinco ou seis palavras-chave que podem ser simples ou compostas. Também são conhecidas por “descritores”. São importantes para descreverem de forma imediata o conteúdo do trabalho. As palavras-chave são usadas como índice ou em entradas de catálogos ou bases de dados, servindo de orientação à pesquisa bibliográfica.

Portanto, e para concluir, o resumo é um pequeno sumário do trabalho elaborado, entre meia e uma página e deve conter todos os aspectos importantes do trabalho elaborado (objetivos da investigação, metodologia adoptada, resultados e conclusões relacionadas com as perguntas de investigação e hipóteses). O resumo dum trabalho empírico deve descrever: a) O problema da investigação, numa frase se possível; b) Os participantes, especificando características pertinentes tais como a idade, sexo, e etnicidade; c) Os aspectos essenciais da metodologia; d) Os resultados principais do estudo, incluindo intervalos de confiança e/ou índices de significância estatística e, e) As conclusões, as implicações e aplicações. Finalmente, o resumo será lido por alguém que quer saber se lhe interessa ler o trabalho completo.

### 1.3. INTRODUÇÃO

De acordo com Cristóvão (2001), a introdução é um:

Texto (5-10 páginas em 100) em que se refere o assunto a tratar, como ele acrescenta ou corrige o que já se sabe sobre o assunto e porque foram escolhidos determinados métodos. Algumas justificações sobre a bibliografia escolhida. É um texto de apresentação e justificação do caminho seguido no trabalho... (p. 22).

A introdução deve incluir uma explicação sobre o contexto da investigação, sua importância, e o problema de investigação geral ou específico investigado. O contexto dá informação de base relacionando o estudo com áreas mais abrangentes. Indica, ainda, brevemente, o desenvolvimento do problema de investigação. A importância do estudo é uma afirmação acerca de como os resultados serão úteis. Pode ser pensado como uma justificação, necessidade, ou razão para conduzir a investigação. Toda a introdução deve incluir uma afirmação que indica o problema de investigação do estudo.

Esta asserção pode ser geral ou específica e por vezes ambos os problemas (geral e mais específico) são incluídos. O problema indica dum maneira concisa e tão claramente quanto possível o foco do estudo, o que é que o investigador espera descobrir. Muitos dos problemas gerais são colocados no princípio do

estudo, e os problemas mais específicos são colocados antes da revisão da literatura.

A introdução apresenta o problema específico em estudo e descreve a estratégia da investigação. Uma boa introdução deve transmitir ao leitor uma ideia clara e firme do que foi feito e porquê; deve responder às perguntas seguintes:

- Qual a principal razão do estudo?
- Como é que a hipótese e o desenho experimental se relacionam com o problema?
- Quais são as implicações teóricas do estudo, e, como é que o estudo se relaciona com trabalhos anteriores na área?
- Quais são as proposições teóricas testadas, e como se construíram?

Sinteticamente, na introdução, você deve preocupar-se com o seguinte:

- Definir ou identificar o tópico geral, temática, ou área de preocupação, providenciando assim um apropriado contexto para a revisão da literatura;
- Apontar tendências gerais sobre o que tem sido publicado sobre o tópico, ou algum conflito na teoria, metodologia, ou falhas na investigação; ou, as novas perspectivas de interesse imediato;
- Estabelecer a razão para a revisão da literatura e explicar o critério a ser usado na análise e comparação da literatura assim como a sua organização (sequência); e, quando necessário, justificar a razão pela qual determinada literatura é ou não é incluída (abrangência).

Normalmente, a introdução é escrita em penúltimo lugar (em último lugar é o resumo). O propósito da introdução é apresentar o resto do trabalho. Esquematiza o problema a investigar e a sua abordagem para o resolver assim como o objectivo a atingir. Você pode optar por escrever um rascunho da introdução no início, podendo, assim, servir de guia à medida que vai avançando nos capítulos ou secções seguintes. Deste modo, a introdução mudará várias vezes, mas isso é natural.

Ainda, a introdução deve conter uma breve revisão do material apresentado no trabalho. Isto ajuda o leitor a decidir se vale a pena continuar a ler. A introdução deve ser interessante e deve motivar a continuação da leitura.

Efectivamente, a introdução deve apresentar o assunto da investigação, os seus objectivos e os métodos propostos. Isto deve ser feito em termos gerais. Ainda, a introdução deve mostrar por que é que a investigação é considerada importante e os motivos que levaram à sua concretização. O âmbito da investigação deve também ser indicado.

Em síntese, a introdução define o tema a investigar, a sua importância e o seu alcance ou objectivos. Os pontos essenciais a serem focados neste capítulo (ou secção, no caso de artigo científico) são os seguintes:

- Definição e delimitação da temática estudada e sua história;
- Descrição do problema ou hipótese;
- Indicação da metodologia utilizada durante a investigação e enquadrada na solução do problema;
- Identificação da estrutura do trabalho.

Antes de fazer a introdução considere as seguintes questões:

- Por que é este problema importante?
- Como é que este estudo se relaciona com outros anteriores (na área em estudo)? Se alguns aspectos já foram abordados pela literatura anterior, como é que este trabalho difere deles ou os expande?
- Quais são as hipóteses e objectivos do estudo e quais são as relações com a teoria?
- Como é que as hipóteses ou questões de investigação e o desenho de investigação se relacionam?
- Quais serão as implicações teóricas e práticas deste estudo?

#### Tabela 1: O Problema

1. O problema deve ser investigável.
2. O problema deve ser importante.
3. O problema deve indicar o tipo de investigação.
4. O problema deve especificar a população.
5. O problema deve ser claro.

#### Tabela 2: A hipótese

1. A hipótese de investigação deve ser formulada na forma declarativa.
2. A hipótese de investigação deve ser consistente com factos conhecidos, investigação anterior e teorias.
3. A hipótese de investigação deve partir do problema de investigação.
4. A hipótese de investigação deve formular a esperada relação entre duas ou mais variáveis.
5. A hipótese de investigação deve ser testável.
6. A hipótese de investigação deve ser clara.
7. A hipótese de investigação deve ser concisa.

### 1.3.1. Problema de investigação

Um problema de investigação é, passe a redundância, um problema que alguém gostaria de investigar. Um problema pode ser tudo o que uma pessoa encontra como não satisfatório ou não ajustado, uma dificuldade de qualquer espécie, uma ordem de coisas que precisa de ser mudada, qualquer coisa que não está a funcionar como deveria. Na educação, os investigadores focam-se em condições que desejariam melhorar, dificuldades que querem ver eliminadas e questões para as quais querem obter respostas.

Um bom problema de investigação identifica, em poucas palavras, a característica mais importante da população em estudo. A descrição da população no problema de investigação deve ser concisa e informativa.

Um problema com sucesso indica de uma forma clara “o que”, “quem” e o “como” da investigação usando frases declarativas tais como: “Qual a relação existente entre...”; “Existe alguma diferença entre...”; “Como...”; “O que...”. (Ver tabela 1).

#### 1.3.2. Questões ou perguntas de investigação

Normalmente, um problema de investigação é colocado como uma questão, a qual serve como foco de investigação do investigador. As questões precisam de ser colocadas de tal forma que necessitem de recolha de dados para as suas respostas, ou seja, devem ser investigáveis.

Uma boa pergunta de investigação, segundo Quivy e Campenhout (2005) tem três características ou qualidades muito próprias:

Clareza (precisão e concisão);

Executibilidade (realista);

Pertinência (registo explicativo, normativo e preditivo).

Podíamos acrescentar uma outra característica ou qualidade: a ética (não afecta negativamente o indivíduo, a sociedade ou a natureza). Há ainda uma característica adicional que uma boa pergunta de investigação deve possuir: frequentemente (mas nem sempre) sugere uma relação a ser investigada. Uma relação significa que duas qualidades ou características estão juntas ou ligadas de algum modo.

#### 1.3.3. Hipóteses

Uma hipótese é uma previsão informada ou uma predição acerca dos resultados; indica, antes do estudo ser realizado, o que o investigador pensa que os

resultados serão. As hipóteses geralmente são elaboradas após a revisão da literatura porque são baseadas no que as teorias e estudos (relacionados) completos previamente, encontraram. A formulação de hipóteses é mais apropriada quando o estado do conhecimento e da teoria permite formulação de predições razoáveis de relações entre variáveis. Normalmente, as hipóteses têm a sua origem em propostas teóricas já estabelecidas na revisão da literatura.

A hipótese de investigação difere da pergunta de investigação no facto de as hipóteses indicarem quer a questão em forma testável quer a natureza preditiva da resposta. (Ver tabela 2).

#### 1.3.4. Justificação da temática, delimitações e limitações do estudo

A escolha do tema deve ser justificada tendo em atenção a sua importância, as contribuições que o estudo poderá provocar tanto a nível teórico (avanço do conhecimento) quanto a nível prático (aplicabilidade dos resultados na sociedade). Por outro lado, e frequentemente, uma enumeração de delimitações e limitações é exigida para clarificar o estudo apresentado. Delimitações descrevem as populações para as quais generalizações podem ser feitas com segurança. A generalização do estudo será uma função da qualidade da amostra dos sujeitos e da qualidade da análise empregue. Delimitar significa definir os limites inerentes no uso dum constructo particular ou população.

Limitações referem-se às condições limitativas ou fraquezas restritivas. Elas ocorrem quando todos os factores não podem ser controlados como parte do desenho do estudo ou, por exemplo, o número de observações ideal não pode ser feito devido a condicionantes éticas ou de executibilidade.

Todos os estudos têm delimitações e limitações inerentes. Se devem ser apresentadas numa secção à parte ou simplesmente discutidas à medida que vão aparecendo durante o estudo é uma decisão individual do investigador ou do orientador.

### 1.4. REVISÃO DA LITERATURA

Embora o capítulo ou a secção da introdução possa incluir algumas referências a outras investigações ou literatura existente, uma revisão da literatura mais formal começa depois de definido o problema da investigação. A revisão da literatura sumariza e analisa investigações anteriores sobre o mesmo problema. Uma boa revisão da literatura critica os estudos anteriores e demonstra como as conclusões se relacionam com esses estudos e com o problema a ser investigado. (Ver tabela 3).

Faz parte da responsabilidade científica do investigador citar e referenciar trabalhos anteriores. Cite e referencie apenas trabalhos pertinentes ao tópico específico e não trabalhos com apenas significância tangencial ou geral. No resumo de trabalhos anteriores evite detalhes não essenciais: em vez disso, enfatize conclusões pertinentes, questões metodológicas relevantes e grandes conclusões.

Não esquecer que a revisão da literatura consiste num relato do que se tem publicado sobre um tópico por investigadores e académicos acreditados.

Ao escrever a revisão da literatura, o seu propósito é transmitir aos leitores que sabem, conhecimentos e ideias têm sido estabelecidos num tópico e quais são os seus pontos fortes e fraquezas.

Portanto, a revisão da literatura deve atingir os seguintes objectivos:

- Ser organizada à volta da pergunta de investigação e relacionada directamente com essa pergunta de investigação ou a tese que está a desenvolver;
- Sintetizar os resultados numa síntese do que é e não é conhecido;
- Identificar áreas controversas na literatura;
- Formular questões que precisam ser investigadas;
- Compreender e descrever o estado actual do conhecimento no tema a ser pesquisado.

Podemos, ainda, dizer que uma revisão da literatura é uma obra de prosa discursiva e não uma lista descrevendo ou resumindo uma peça de literatura de pois de outra. É, normalmente, um mau sinal ver cada parágrafo começar com o nome de um investigador. Em vez disso, organize a revisão da literatura em secções que apresentem temas ou identifiquem tendências, incluindo as teorias relevantes. Você não está a tentar listar todo o material publicado, mas sim a sintetizar e a avaliar de acordo com o conceito orientador da sua tese ou questão de investigação.

Faça uma introdução e uma conclusão global na secção ou capítulo da revisão da literatura e indique o âmbito da sua cobertura e a formulação da questão, problema ou conceito que o material analisado ilumina.

Uma boa técnica de revisão de literatura é agrupar itens em secções; isto ajuda-o a estabelecer comparações e relações. Você pode escrever um parágrafo para introduzir o foco central de cada questão.

Geralmente, o propósito da revisão da literatura é analisar criticamente um segmento dum corpo de saber publicado através de resumos, classificações e comparações de estudos de investigação.

Portanto, os grandes objectivos da revisão da literatura são:

- Definir e limitar o problema que você está a investigar;
- Colocar o seu estudo numa perspectiva histórica;
- Evitar desnecessárias duplicações;
- Avaliar métodos de investigação promissora;
- Relacionar as suas conclusões com conhecimentos prévios e sugerir posterior investigação.

Contudo, a revisão da literatura tem ainda outro objectivo, que é o seguinte: demonstrar que você leu e tem um bom domínio dos importantes trabalhos publicados relativos a um tópico particular ou questão no seu campo de estudo. A revisão da literatura será guiada pelo seu objectivo de investigação ou tese que você está a argumentar e estabelecerá o enquadramento para o seu trabalho.

É importante notar que a sua revisão da literatura não deve ser uma simples descrição do que os outros publicaram na forma de um conjunto de sumários mas, pelo contrário, deve tomar a forma de uma discussão crítica mostrando compreensão e conhecimento dos diferentes argumentos, teorias e abordagens. Deverá ser uma síntese e uma análise dos trabalhos relevantes publicados até à data e ligados sempre ao seu propósito e justificação.

Na realidade, uma boa revisão da literatura é crítica em relação ao que se tem escrito, identifica áreas de controvérsia, levanta questões e identifica, também, áreas que precisam de mais investigação.

De facto, a revisão da literatura é uma etapa assaz importante para que o investigador forme uma linha de raciocínio consolidado no conhecimento profundo de outros autores de referência na área de investigação.

Deste modo, a revisão da literatura deve:

- Comparar e contrastar diferentes perspectivas numa temática;
- Agrupar autores que retiram conclusões similares;
- Criticar aspectos metodológicos;
- Realçar estudos exemplares;
- Realçar falhas na investigação;
- Mostrar como o seu estudo se relaciona com estudos prévios;
- Concluir, através de um resumo, o que a literatura diz.

Creswell (2003) sugere que a revisão da literatura, num estudo de investigação, serve vários propósitos sendo o primeiro o de partilhar com o leitor os resultados de outros estudos que estão relacionados com a sua própria investigação. Segundo Cooper (1984) e Marshall e Rossman (1999), a revisão da literatura relaciona a investigação corrente com o largo e contínuo diálogo na literatura

acerca do tópico, preenchendo falhas e alargando estudos próprios. A revisão da literatura é um enquadramento para o estabelecimento da importância do seu estudo e fornece um marco para comparar os resultados dum estudo com outros resultados. Também clarifica por que o seu estudo vale a pena ser feito à luz do que já foi feito.

A revisão da literatura pode ser complicada, mas só o é se não chegarmos a compreender bem o seu propósito e finalidade. Um problema com que muitos alunos se confrontam quando fazem a revisão da literatura é esquecerem-se que num projecto de investigação, a revisão da literatura serve múltiplos objectivos:

- Demonstrar a sua familiaridade com o seu tópico, incluindo perspectivas que são ambas similares e diferentes da sua própria;
- Legitimar a questão central de investigação ou os objectivos que você propôs no fim do seu problema;
- Justificar o trabalho que você desenvolverá a fim de criar um argumento académico bem realizado para esse trabalho.

Nesta perspectiva, a revisão da literatura apresenta e representa:

- Um enquadramento para estabelecer a importância do seu estudo;
- Um marco para comparar os resultados do seu estudo com outros resultados;
- Uma demonstração de como o seu estudo preenche as lacunas na literatura ou complementa o trabalho de estudos prévios;
- Analisar os resultados de outros estudos que são muito relacionados com o seu estudo – comparar e contrastar estudos é muito apropriado;
- Estabelecer a relação entre o seu estudo e a larga e contínua discussão na literatura.

#### 1.4.1. Elementos da literatura em forma de questões

Silverman (2005) apresenta uma lista de seis elementos (em forma de questões) que contêm os conteúdos duma revisão da literatura.

- O que é que sabemos sobre o tópico?
- O que você tem para dizer, criticamente, acerca do que já é sabido?
- Já alguma vez alguém fez exactamente o mesmo?
- Já alguém fez qualquer coisa relacionada?
- Onde é que o seu trabalho se encaixa com o que foi estudado antes?
- Porque é que a sua investigação vale a pena ser feita à luz do que foi investigado antes?

A investigação académica também implica um saber avançado e este avanço requer uma concentração e uma perspectiva crítica no que você lê. Marx (1997) sugere que o investigador devia procurar um novo balanço entre a apreciação e o avanço da literatura.

#### 1.4.2. Passos importantes na condução duma revisão da literatura

Como já dissemos, a revisão da literatura num estudo de investigação é, essencialmente, o trabalho de localizar e resumir outros estudos acerca do seu tópico. Não há um método único de conduzir uma revisão da literatura mas muitos académicos procedem numa maneira sistemática de forma a captar, avaliar e resumir a literatura e, neste sentido, Creswell (2003) sugere os seguintes passos:

1. Comece por identificar palavras-chave importantes para localizar artigos e outros materiais em bibliotecas académicas.
2. Foque-se, inicialmente, em revistas académicas e livros relacionados com o tópico, usando palavras-chave ou frases para procurar a informação nas bases de dados informatizadas.
3. Tente localizar 20 recursos académicos no seu tópico e comece com artigos de revistas académicas e livros porque são mais fáceis de localizar.
4. Tente obter uma “intuição” para verificar se o artigo é ou não importante para a sua compreensão da literatura. Faça uma leitura diagonal dos resumos e artigos para determinar a sua relevância.
5. Comece por desenhar um mapa da literatura, o qual dá uma imagem visual da literatura de investigação no seu tópico. Isto dá um aspecto organizativo importante para posicionar o seu estudo dentro da perspectiva da literatura existente no seu tópico.
6. Comece por fazer um rascunho de resumos dos artigos mais importantes. Pense em como podem ser combinados.
7. Comece por organizar a sua revisão da literatura. Estructure a literatura por temáticas ou organize-a por conceitos importantes abordados no estudo.
8. Finalize a revisão da literatura com um resumo dos temas encontrados na literatura.
9. Sugira onde mais investigação é necessária.

#### 1.4.3. Reunindo recursos

De forma a escrever uma revisão da literatura de sucesso, você deve primeiro fazer muitas leituras: a) Leia o mais que puder sobre o seu tópico de modo a poder demonstrar o seu conhecimento e familiaridade com o trabalho que outros

desenvolveram; b) Guarde cuidadosamente as notas sobre o que você leu (tenha lido) de modo a evitar acusações de plágio; c) Assegure-se de que a sua leitura inclui tanta teoria como investigação. Adicionalmente, se o seu tópico tem sido alvo de controvérsia, você deseja que tal controvérsia seja completamente coberta na sua revisão.

Seguem-se agora algumas dicas a ter presente na sua recolha de informação para a sua revisão da literatura. Para cada fonte que você planeie incluir na sua revisão da literatura pergunte o seguinte:

- Como é que esta informação ou opinião é relevante para os seus argumentos principais ou questões principais? Se não é relevante, PARE e vá para a próxima.
- Você tem ou pode adquirir a informação bibliográfica requerida para a citação de acordo com as normas da APA ou ABNT?
- Quais são as credenciais profissionais do autor? Muitas vezes isto pode ser encontrado na contracapa do livro ou no prefácio. Também pode fazer uma pesquisa em [www.google.com](http://www.google.com), pelo nome do autor. Se há mais que um autor dos livros pesquise-os todos.
- Como é que o autor provou que a informação é verdadeira?
- O autor fez uma experiência ou um estudo de investigação com pessoas reais numa situação real?
- Como é que a experiência ou estudo foi conduzida?
- O que é que o autor descobriu?
- É baseado em estudos de investigação de outras pessoas?
- Como é que foram esses estudos conduzidos?
- O que é que a investigação descobriu?
- É baseada na experiência do próprio autor, por exemplo como professor, aluno, administrador escolar?
- Qual foi a experiência?
- Como é que o autor documentou a experiência?
- Como é que ao autor verificou que as conclusões eram válidas?
- É uma teoria que o autor desenvolveu mas não baseada em investigação ou experiência?
- Qual é a teoria?
- Que provas dá o autor para a teoria?
- O autor tem credibilidade?

#### 1.4.4 Registo da fonte

Siga as normas da APA ou ABNT (normas Brasileiras) quer para citações, paráfrases e referências bibliográficas.

Logo que você determine que a sua fonte vale a pena ser guardada, escreva uma citação completa da fonte no estilo APA ou ABNT e assegure-se de que tem informação completa para escrever a citação mais tarde. Escrevendo a referência completa em formato APA ou ABNT, nesta altura, pode evitar perder tempo e frustração mais tarde quando você tentar compilar a página das referências bibliográficas.

**Tabela 3: Revisão da literatura**

1. A revisão da literatura deve cobrir adequadamente a investigação prévia sobre o tópico.
2. A revisão da literatura deve citar resultados actuais de outros estudos.
3. A revisão da literatura deve ser actual (investigações recentes — últimos 10 anos).
4. A revisão da literatura deve analisar assim como sumarizar estudos prévios.
5. A revisão da literatura deve ser organizada por tópicos e por autores.
6. A revisão da literatura deve, brevemente, sumarizar estudos menores e discutir em detalhe grandes estudos.
7. A revisão de grandes estudos deve relacionar explicitamente estudos prévios ao problema de investigação ou ao método.
8. A revisão da literatura deve proporcionar uma base lógica para as hipóteses estabelecidas.
9. A revisão da literatura deve estabelecer um enquadramento teórico para o problema.
10. A revisão da literatura deve ajudar a estabelecer a importância da investigação a ser feita.

#### 1.5. METODOLOGIA (Desenho da investigação)

O desenho da investigação deve ser feito de uma forma muito clara de modo a que o leitor saiba exactamente o que foi feito, porquê, e como. Os testes e questionários que eventualmente foram administrados devem ser especificados, assim como as razões da sua escolha. Se os testes e questionários foram construídos, devem ser descritos em detalhe. Cópias dos testes e questionários devem ser incluídos num apêndice. Os sujeitos assim como o local da pesquisa devem ser descritos.

Neste capítulo ou secção, os investigadores indicam o que foi estudado, como a informação foi obtida, e, no caso de um estudo experimental, tratamentos ou manipulações. A primeira parte do capítulo ou secção, normalmente, descreve os sujeitos. Estes são indivíduos que o investigador observa ou dos quais obtém informação a fim de estudar o problema de investigação. O investigador deve descrever as características dos sujeitos e indicar se eles foram seleccionados de um grupo mais alargado. A segunda parte do capítulo ou secção foca-se nos instrumentos usados e numa avaliação da sua validade e fidelidade (ver glossário). Em alguns casos, neste capítulo ou secção, também se descreve como os instrumentos foram administrados; em outros, esta informação é dada na terceira secção, os procedimentos. A parte dos procedimentos também pode incluir uma síntese sobre a recolha dos dados e, nos estudos experimentais, deve-se indicar como as manipulações foram levadas a cabo.

O investigador pode também descrever o desenho do estudo e os instrumentos usados, e pode, também, indicar que precauções foram tomadas para reduzir erros ou de que modo a objectividade foi melhorada.

Neste capítulo ou secção, o investigador diz ao leitor exactamente o que foi feito. Se esta secção ou capítulo não ficar clara todo o trabalho fica assente numa base frágil. Aqui, o princípio de definição operacional assume grande importância. Na verdade, este capítulo ou secção é melhor compreendido se pensarmos num conjunto de instruções que deveriam ser dadas a alguém que deseje repetir o estudo. A pergunta apropriada para avaliar qualquer secção da metodologia seria a seguinte: poderia alguém repetir o estudo com base na descrição feita? Porque este capítulo contém tanta informação, é normalmente dividido em secções. As mais importantes são: desenho, sujeitos e procedimentos.

Portanto, o capítulo da metodologia descreve em detalhe como é que o estudo foi conduzido. Tal descrição dá a possibilidade ao leitor de avaliar a propriedade dos seus métodos e a fidelidade e validade dos seus resultados. Também permite a investigadores experientes fazer uma réplica do estudo se assim o desejarem.

Assim, os métodos empregues para a obtenção dos resultados devem ser explicados. As razões pelas quais foram considerados apropriados e as suas vantagens em relação a outros possíveis métodos.

Finalmente, este capítulo deve ser escrito duma maneira tão clara que, depois de ser lido, qualquer pessoa que assim o desejasse podia repetir o estudo sem dificuldade. Se o leitor ficar com uma pequena dúvida do que foi feito, então o capítulo não foi apresentado duma maneira satisfatória. (Ver tabelas 4 e 5).

**Tabela 4: Sujeitos e procedimentos de amostra**

1. Os sujeitos, no estudo, devem ser claramente descritos e a descrição deve ser específica e detalhada.
2. A população deve ser claramente definida.
3. O método de amostragem deve ser claramente descrito.
4. A percentagem de retorno de questionários deve ser indicada e analisada.
5. A selecção dos sujeitos deve ser livre de enviesamentos.
6. Os procedimentos de selecção devem ser apropriados ao problema a ser investigado.
7. Deve haver um número adequado de sujeitos.
8. Os estudos qualitativos devem incluir sujeitos informados, sapientes e entendidos na área em estudo.

**Tabela 5: Instrumentos**

1. Evidência para validade deve ser apresentada claramente.
2. Evidência para fidelidade deve ser apresentada claramente.
3. Uma descrição clara dos instrumentos deve ser indicada.
4. Uma descrição clara dos procedimentos para administração dos instrumentos deve ser indicada.
5. Normas devem ser especificadas para testes normalizados.
6. Índices de validade e fidelidade devem ser apresentados.
7. O efeito do entrevistador ou observador deve ser mínimo.
8. Cópias dos instrumentos devem ser inseridas nos apêndices.
9. Se o instrumento não foi construído, carta de permissão para uso deve ser incluída nos apêndices.

## **1.6. RESULTADOS**

Este capítulo (ou secção) indica como o investigador analisou os dados e apresentou os resultados obtidos. Há frequentemente tabelas e gráficos a fim de sumarizar grandes quantidades de dados de uma maneira sucinta. Este capítulo deve ser considerado como uma maneira objectiva de apresentar os resultados encontrados, sem interpretação ou discussão.

O leitor deveria ser capaz de interpretar tabelas e gráficos sem consultar o texto. Este capítulo deve convencer e informar e, por isso, os níveis de significância

(nos estudos quantitativos) são essenciais. Tanto o teste estatístico usado como o nível de significância devem ser apresentados com cada resultado.

O capítulo dos resultados sumariza os dados recolhidos e o seu tratamento estatístico. Primeiro, duma maneira breve, devem-se expor os principais resultados. Depois, expor os dados com detalhe suficiente de modo que justifiquem as conclusões. Não é apropriado neste capítulo fazer a discussão ou interpretação das implicações dos resultados. Devem mencionar-se todos os resultados incluindo aqueles que contrariam a hipótese.

Este capítulo (ou secção) deve escrever-se com os verbos no tempo passado. Enquanto o capítulo (ou secção) da metodologia descreve o *que foi feito*, a secção ou capítulo dos resultados descreve o *que aconteceu*.

### 1.7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É neste capítulo (ou secção) que os investigadores explicam os resultados obtidos. Os dados são interpretados à luz de outras investigações e é também o local próprio para apresentar possíveis fragilidades na metodologia do estudo.

A discussão é escrita após a obtenção dos resultados. Contudo, não deve recapitular os resultados. Continue a escrever na voz activa sempre que apropriado. Ponha os resultados em contexto com os trabalhos publicados. Use o tempo passado quando se referir aos seus resultados e o presente para trabalhos publicados.

Discuta a importância teórica e prática do estudo, e inclua implicações de possíveis falhas experienciadas.

Confronte ambiguidades e contradições aparentes no estudo. Deve-se ter o cuidado de não incluir na discussão observações que não foram apresentadas nos resultados. Avalie a importância dos resultados encontrados na base de trabalhos prévios publicados.

Depois de apresentar os resultados você está na posição de avaliar e interpretar a suas implicações, especialmente no que respeita à hipótese ou questões de investigação. Você pode examinar, interpretar e qualificar os resultados assim como retirar inferências deles. Enfatize quaisquer consequências dos resultados e a validade das suas conclusões. Semelhanças e diferenças entre os seus resultados e o trabalho de outros autores devem clarificar e confirmar as suas conclusões. Contudo, não se limite a simplesmente reformular e repetir pontos já feitos; cada afirmação deve contribuir para a sua posição e para a compreensão do problema pelo leitor.

No geral, guie-se pelas seguintes questões:  
O que é que contribui?  
Como é que o meu estudo ajudou a resolver o problema original?  
Que conclusões e implicações teóricas posso retirar do meu estudo?  
Como foram respondidas empiricamente as minhas questões de investigação?

### 1.8. CONCLUSÕES

As conclusões são afirmações sumárias que reflectem as respostas abrangentes às questões de investigação ou, se de facto, as hipóteses são ou não confirmadas. A conclusão é uma inferência derivada dos resultados, fraquezas no estudo, e relações dos resultados com a literatura prévia. As conclusões devem ser limitadas ao que directamente é suportado pelos resultados. Implicações e recomendações são muitas vezes incluídas neste capítulo (ou secção), embora o investigador precise de ser cauteloso para não generalizar inapropriadamente.

As conclusões devem ser escritas numa forma precisa, clara e convincente. Este capítulo (ou secção) deve também incluir os pontos de vista do investigador, sob a forma de sugestões e recomendações acerca de novas perspectivas e pesquisas na mesma área ou áreas afins.

### 1.9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Todas as afirmações e procedimentos especiais do trabalho de outros autores devem ser creditados no corpo do texto e as origens devem aparecer nesta secção das referências bibliográficas. Isto faz parte da honestidade profissional mas há outra razão importante que é a seguinte: ajudar o leitor interessado a encontrar o caminho para a literatura relevante.

No corpo do texto, as publicações devem ser referenciadas pelo autor e pelo ano de publicação numa das seguintes formas:

- A literatura contém estudos de Bento (2008), Brazão (2009), e Bento e Mendonça (2010).
- A literatura contém vários estudos (Bento, 2008; Brazão, 2009; Bento e Alice, 2010).

Se se citam páginas específicas dum livro, devem também ser citadas no corpo do texto, como se segue: a análise das concepções de liderança é feita por Bento (2008, pp. 32-34).

As referências, assim como as citações, servem para informar o leitor sobre as fontes pesquisadas, que serviram de referência e suporte ao trabalho de investigação e que deram origem ao trabalho em causa. A ética deve estar sempre presente durante todo o trabalho mas sobretudo na elaboração destas áreas. Não é admissível a transcrição literal de uma passagem de um texto, de outro autor, sem a devida referência no texto (se escrito, nome do autor, ano e data; se oral, comunicação oral, nome do autor e ano) e depois a referência completa nas Referências Bibliográficas.

Nas ciências sociais utiliza-se, dum modo geral, o estilo APA (American Psychological Association) para apresentar as referências bibliográficas.

Alguns autores incluem uma secção “Bibliografia” que é distinta das “Referências Bibliográficas”. Na “Bibliografia” incluem-se as fontes que foram consultadas pelo investigador mas não utilizadas no corpo do texto.

De acordo com as normas APA, a Lista de Referências ou, somente, Referências começa numa nova página, as palavras Lista de Referências ou, somente, Referências são centradas na página, as entradas são em espaço duplo e utiliza-se o formato indented, isto é, a primeira linha de cada referência fica alinhada à esquerda e as linhas seguintes são indentedas, ou seja, alinhadas à direita cerca de 4 espaços (APA 2.11, p. 37). Exemplo:

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.

Azevedo, M. (2006). *Teses, relatórios e trabalhos escolares* (5ª ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.

Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

## 1.10. ABBREVIATURAS MAIS COMUNS

Apresentam-se a seguir e em forma de tabelas as abreviaturas mais comuns utilizadas em dissertações e teses.

Tabela 6: Abreviaturas latinas

Abreviatura	Significado	Tradução
a. i.	Ad ínterim	Entretanto
Cv	Curriculum vitae	Curriculum vitae
Eg e.g. ex. gr.	Exempli gratia	Por exemplo
Et al.	Et alii, aliae, alia	E outros
Etc.	Et ceteri ou cetera	E assim, e o resto
Ib	Ibidem	No mesmo lugar
Ibid	Idem	O mesmo (autor)
Ap.	Apud	Conforme citação em...
et al. Apud Id est i.e.	et alia Id est	e outros Citado por Isto é
Cf.	Confer	Confirmar
Iq Ibid ou ibidem Idem ou id	Idem quod	O mesmo que Na mesma obra Igual a anterior
In Ipsis verbis		em pelas mesmas palavras
Op. cit.	Opere citato	Na obra citada
Pa	Per annum	Por ano
PhD	Philosophiae Doctor	Doutorado
Qd	Quaque die	Diariamente
Eod. loc.	Eodem loci	No mesmo lugar, na mesma página da mesma obra citada
Que	Quod est	Que é
S.a.	Sine anno	Sem data
S.d. Sic supra	Sine die	Sem dia marcado, sem data assim acima
Ut supra	Ut dictum supra	Como acima foi dito
Vd	Vide	Ver
Vg	Verbi gratia	Por exemplo
Vf	Vide infra	Ver em baixo
Pp	Paginis	Nas páginas

Tabela 7: Abreviaturas utilizados nas referências bibliográficas

Abreviatura	Significado
Cap.	Capítulo
Ed.	Edição
Ed. rev.	Edição revista
2ª ed.	Segunda edição
Ed. ou Eds.	Editor ou Editores
Org. ou orgs.	Organizador ou Organizadores
p. ou pp.	Página ou páginas
Vol. ou Vols.	Volume ou volumes
Rel. Tec.	Relatório Técnico
Supl.	Suplemento
S. l.	Sem local
S. d.	Sem data
Trad.	Tradutor

## 2. REGRAS E EXEMPLOS DE ACORDO COM AS NORMAS DA APA (American Psychological Association)

### 2.1. Normas para apresentação de números

Descrevem-se a seguir algumas regras a ter em conta quando se apresentam números no texto. Os números podem ser expressos em palavras (quatro) ou em símbolo (4), mas quando usamos a palavra versus o número?

#### Números como símbolos

**Regra geral:** Use símbolos para exprimir o número 10 e acima e palavras para exprimir números abaixo de 10 (APA, 2010).

#### Exemplos:

Somente cerca de 13%;

Quatro sujeitos;

Três de cinco grupos.

#### Exceções:

1. Todos os números abaixo de 10 que são agrupados para comparação com números superiores a 10, e que aparecem no mesmo parágrafo, são também expressos como números (APA, 2010).

#### Exemplos:

5 de 32 grupos;

Quando ordenados, o 3º e o 12º;

8 de 30 casos.

2. Números que imediatamente precedem uma unidade de medida são expressos como números, independentemente do tamanho (APA, 2010)

#### Exemplos:

Uma linha de 5mm

Uma média de 36.22 cm

3. Números que representam funções estatísticas ou matemáticas, fracções ou quantidades decimais, percentagens, razões, percentis e quartis são expressos como números, independentemente do tamanho (APA, 2010).

**Exemplos:**

Uma média de 3.54

Subtraído de 5

4 e  $\frac{3}{4}$

0.44

Um peso de 5kg

4º percentil

4. Números que representam tempo, datas, idades, tamanhos de amostras, populações e pontos numa escala, somas exactas de dinheiro, e numerais são expressos como números independentemente do tamanho (APA, 2010).

**Exemplos:**

4 pessoas em cada amostra

Sete crianças de 9 anos de idade

Em 7 anos

O estudo começou em 2010

Antes do 1º de Abril

Nenhum grupo demorou mais que 3.5 horas

Uma pontuação de 6 ou maior

Cada sujeito foi pago 7.5 euros

5. Números que denotam um lugar específico numa série numerada, partes de livros e tabelas, e cada número numa lista de quatro ou mais números são expressos como números, independentemente do tamanho (APA, 2010).

**Exemplos:**

Amostra de 4

Quadro 1

Página 60

Capítulos 1, 2, 5, 8, e 23

**Números como palavras**

**Regra geral:** Use palavras para exprimir números abaixo de 10 que não representam medidas precisas e que não estão agrupados para comparação de números de 10 ou acima (APA, 2010)

**Exemplos:**

Cerca de sete ou oito

Um dos primeiros

Só duas pessoas

Dois questionários

**Excepções:**

1. Os números zero e um quando as palavras seriam mais fáceis de compreender do que os números, ou quando as palavras não aparecem em contexto com os números 10 ou acima, são expressos em palavras.

**Exemplos:**

Sessões de um a um

Só um sujeito

O conceito de zero

2. Qualquer número que comece uma frase, título ou subtítulo, deve ser expresso em palavras. (sempre que possível, reorganizar a frase de modo a evitar começar com um número [APA, 2010]).

**Exemplos:**

Cinco estudos confirmam

Vinte e cinco por cento de...

3. Fracções comuns são expressas em palavras (APA, 2010).

**Exemplos:**

Um meio da amostra

Exactamente um quinto

4. Uso universalmente aceite

**Exemplos:**

Os Doze Apóstolos

Os Dez Mandamentos

O Vinte e cinco de Dezembro

**Combinando símbolos com palavras para exprimir números**

**Regra geral:** Use a combinação de símbolos e palavras para exprimir grandes números arredondados (APA, 2010).

**Exemplos:** Grandes números redondos:

Cerca de 3 mil

Um défice de 1 bilião de euros

**NÚMEROS ORDINAIS**

**Regra geral:** Trate números ordinais (excepto percentis e quartis) como se fossem números cardinais (APA, 2010).

#### EXEMPLOS:

A primeira amostra

O 11º ano

O 2º e o 12º

O segundo

O 12º

#### Fracções decimais

**Regra geral:** Coloque o ponto decimal na linha, não acima da linha. Use o zero antes do ponto decimal quando os números são inferiores a 1 (APA, 2010).

#### EXEMPLOS:

0.45mm

Um intervalo de 0.2 segundos

**Excepção:** não use zero antes de uma fracção decimal quando o número não pode ser maior que 1, como em correlações, valores de probabilidade, proporções, e níveis de significância estatística (APA, 2010).  
 $r = .44, p < .01$

#### NÚMEROS ÁRABES OU ROMANOS

**Regra geral:** Use números Árabes, não Romanos, sempre que possível (APA, 2010).

**Excepção:** Se os números Romanos fazem parte de uma terminologia estabelecida, não mude para números Árabes; por exemplo, “Erro tipo II” (APA, 2010)

#### Vírgulas

**Regra geral:** Use vírgulas entre grupos de três dígitos na maioria de números acima de 1,000 (APA, 2010).

**Excepções:**

Números de páginas – página 2134

Números de série – 571606999

Graus de temperatura – 2349 graus centígrados

Designações de frequência acústica – 3000 Hz

Graus de liberdade – F(35, 1100)

Números à direita da casa decimal – 6,750.0748

### 3. CITAÇÕES E REFERÊNCIAS SEGUNDO AS NORMAS DA APA (American Psychological Association)

Como o título desta secção refere, baseámo-nos na 6ª edição do *Publication Manual of the Psychological Association* (APA) publicado em 2010.

Segundo estas normas: a) As Referências Bibliográficas devem vir logo a seguir às Conclusões; b) o título Referências Bibliográficas deve ser centrado na página – trata-se da mesma forma que um capítulo; c) todas as referências citadas no corpo do texto têm que estar listadas nas “Referências Bibliográficas” e vice-versa; e) As Referências Bibliográficas devem ser listadas por ordem alfabética a partir do apelido do primeiro autor; f) As referências de um mesmo autor devem ser ordenadas por ano de publicação do ano mais antigo para o mais recente; g) As referências bibliográficas devem seguir sempre as mesmas normas; i) Autores com nomes compostos devem ser referidos com o nome composto.

#### 3.1. CITAÇÕES E PARÁFRASES

Segundo a APA (2010) a **citação** é a reprodução, palavra por palavra, directamente citada do trabalho de outro autor ou trabalho nosso previamente publicado. Quando estiver a citar, inclua sempre o autor, o ano e a página específica ou número do parágrafo para matéria não paginada no texto e inclua uma referência completa na lista final das referências.

De acordo com as normas da APA, citações com menos de 40 palavras (cerca de três linhas) devem ser incorporadas no texto e colocadas entre aspas duplas (“); por outro lado, as citações longas (40 ou mais palavras) devem ser feitas em bloco de linhas em espaço duplo. Neste caso não se devem usar aspas. A citação começa numa nova linha e deve usar-se um recuo de cinco ou sete espaços (cerca de meia inch) da margem esquerda sem o recuo adicional de abertura de parágrafo. A primeira linha de cada parágrafo dentro da citação em bloco recua outros cinco ou sete espaços da margem esquerda.

#### Exemplo de uma citação directa incorporada no texto:

Bento (2010) escreveu que “A liderança e a gestão são dois processos ou funções distintos” (p. 37).

#### A citação anterior pode ser feita de outro modo:

Um autor escreveu que “A liderança e a gestão são dois processos ou funções distintos” (Bento, 2010, p. 37).

#### Exemplo de uma citação em bloco:

Bento (2010) escreveu que “A liderança e a gestão são dois processos ou funções distintos” (p. 37). O mesmo autor acrescenta:

Portanto a liderança e a gestão são dois conceitos diferentes e por vezes opostos. Outros fizeram um paralelo bastante pomnhorizado destes dois conceitos:

A liderança é mais emocional, inovadora, criativa, inspiradora, visionária, relacional-pessoal, original, proactiva, assente em valores. Convém clarificar dois aspectos: o primeiro é que a gestão e a liderança são ambas importantes; (Bento, 2010, p. 37).

Note-se, então, que um conceito não é mais importante que outro.

No caso das **paráfrases** que são referências a ideias contidas em outros trabalhos não é necessário incluir a página ou parágrafo embora a APA encoraje o seu uso, especialmente quando isso ajudaria um leitor interessado a localizar a passagem relevante num texto longo ou complexo.

#### Exemplo de uma citação indirecta (paráfrase):

De acordo com Bento (2009) estudos de investigações recentes indicam que o recurso às explicações tem como base subjacente a procura do sucesso educativo...

ou

Um investigador afirmou que estudos de investigação recentes indicam que o recurso às explicações tem como base subjacente a procura do sucesso educativo... (Bento, 2009).

No caso de citação de citação, ou citação de fonte secundária (que só deve ser usada muito esporadicamente) que é uma transcrição de uma citação já feita por outro investigador, coloca-se o autor e página que consultámos adicionado de - citado por - entre parênteses e nas referências só se inclui a referência do autor a que tivemos acesso.

De acordo com Burton Clark “A mudança é o assunto mais obstinado nas ciências sociais...” (citado por Bento, 2010, p. 42).

#### Um trabalho com dois autores

Os autores nomeiam-se na frase que apresenta o material a ser citado ou entre parênteses cada vez que o trabalho for citado. **Nos parênteses usa-se o “&” entre os nomes dos autores; no texto, usa-se o “e”.**

Bento e Ribeiro (2009) admitiram que no nosso país, tanto as Universidades como os Politécnicos têm dado pouca atenção ao desenvolvimento e exercício de práticas de liderança por parte dos seus alunos.

No nosso país, tanto as Universidades como os Politécnicos têm dado pouca atenção ao desenvolvimento e exercício de práticas de liderança por parte dos seus alunos (Bento & Ribeiro, 2009).

#### Um trabalho com três a cinco autores

Identificam-se todos os autores na frase que apresenta o material a ser citado ou entre parênteses na primeira vez que se cita a fonte.

É de todo reconhecida a relação positiva entre a variável liderança e a eficiência e eficácia da organização escolar (Libório, Silva, Oliveira & Fraga, 2010).

Em citações subsequentes, usa-se o nome do primeiro autor seguido por “et al.” (não colocar em itálico e seguido de um ponto final) na frase que apresenta o material a ser citado ou nos parênteses.

No entanto é também do consenso geral a importância da variável “clima” (Libório et al., 2010).

#### Um trabalho com seis ou mais autores

Use somente o nome do primeiro autor seguido de “et al.” na frase ou nos parênteses.

#### Um trabalho com autor desconhecido

Neste caso, mencione o título do trabalho na frase que apresenta o material a ser citado ou coloque as primeiras palavras do título do trabalho e o ano. Os títulos dos artigos e os capítulos são colocados entre aspas e os títulos dos livros, periódicos ou relatórios em itálico.

Quando a palavra “anónimo” é especificado como autor, usa-se essa palavra como autor (Anónimo, 2010). Nas referências bibliográficas, usa-se o anónimo como autor.

### Organização como autor

Quando o autor é um órgão governamental ou outra organização corporativa, use o nome da organização na frase que apresenta o material a ser citado ou entre parênteses na primeira vez que citar a fonte.

De acordo com o Centro de Investigação em Educação (2010) da Universidade da Madeira, os mestrandos devem seguir uma linha de investigação bem definida em todos os seus projectos de investigação.

No caso de a organização possuir uma abreviatura familiar, pode incluí-la entre colchetes na primeira vez em que a citar e use a abreviatura sozinha nas citações posteriores. Assim:

Primeira citação  
(Centro de Investigação em Educação [CIE], 2010)  
Citações posteriores  
(CIE, 2010)

### Dois ou mais trabalhos dentro dos mesmos parênteses

Dois ou mais trabalhos de diferentes autores que são citados dentro dos mesmos parênteses são colocados em ordem alfabética, pelo sobrenome do primeiro autor, separando-os por ponto e vírgula.

Investigadores argumentaram que o fenómeno das explicações tem efeitos positivos para as aprendizagens e vidas futuras dos alunos que as frequentam (Bento, 2009; Ribeiro & Bento, 2010).

### Autores com o mesmo sobrenome

Se uma lista de referências incluir publicações de dois ou mais autores principais com o mesmo sobrenome, indique as iniciais do primeiro autor em todas as chamadas de citações do texto, mesmo que o ano de publicação seja diferente. As iniciais ajudam a evitar que o leitor se confunda com o texto e a localizar o item na lista de referências.

Investigação feita por A. Bento (2009) revelou que ...

### Comunicação pessoal

Cartas, entrevistas, memorandos, comunicações electrónicas e outras comunicações pessoais devem ser citadas da seguinte forma:

A liderança foi e sempre será um dos factores mais importantes em qualquer organização social (A. Campos, comunicação pessoal, Junho 4, 2009).

Nota: Não se devem incluir comunicações pessoais nas referências bibliográficas.

### Dois ou mais trabalhos do mesmo autor no mesmo ano

Identifique os trabalhos do mesmo autor (ou dos mesmos dois ou mais autores na mesma ordem) com a mesma data de publicação pelos sufixos “a”, “b” e “c”, e assim sucessivamente depois do ano; repita o ano. Os sufixos são atribuídos na lista de referências, onde esses tipos de referências são ordenados alfabeticamente pelo título (do artigo, capítulo ou trabalho completo) que imediatamente se segue à data.

Bento e Ribeiro, 2010a e Bento e Ribeiro 2010b afirmaram que a liderança é uma competência que se ensina e aprende.

Ou

Autores afirmaram que a liderança é uma competência que se ensina e aprende (Bento & Ribeiro, 2010a, 2010b).

### 3.2. COMO FAZER (EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS)

#### Artigo de revista científica

Bento, A. & Ribeiro, M. (2010). Sustainable leadership of senior students: The case study of Madeira. *Journal of Teacher Education for Sustainability*, 12(1), 66-74. Doi: 10.2478/v110099-0047-9.

#### Artigo de revista científica no prelo

Bento, A. & Ribeiro, M. (no prelo). The competencies of leadership of senior students in Madeira (Portugal). *Egitânia Scientia*.

No lugar da data, indicar que o artigo está no prelo. Não referir data, volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado. No texto, citar artigo indicando, entre parênteses, que está no prelo.

#### **Livro de um único autor**

Sousa, J. (2000). *O professor como pessoa*. Porto: Edições Asa.

#### **Livro com um organizador**

Neisser, U. (Org.). (1982). *Memory observed: remembering in natural contexts*. San Francisco: Freeman.

#### **Livro com dois organizadores**

Bento, A. & Mendonça, A. (Orgs.). (2010). *Educação em tempo de mudança: liderança, currículo, inovação e supervisão* (2ª ed.). Porto: ITC

#### **Capítulo de livro**

Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. Lima & J. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.

#### **Publicação de dois livros pelo mesmo autor e no mesmo ano**

Giddens, A. (1987a). *Social theory and modern sociology*. Cambridge: Polity Press.  
Giddens, A. (1987b). *La constitution de la société*. Paris: PUF.

#### **Livro de uma organização**

American Psychological Association (2010). *Publication manual* (6ª ed.) Washington, DC: Autor.

#### **Artigo numa enciclopédia**

Baldrige, J. (s.d.). Contextos de intervenção educativa. In C. Cispert (Ed.), *Enciclopédia Geral de Educação* (Vol. 1, pp. 93-159). Alcoitão: MM Liarte – Editora de Livros Lda.

#### **Artigo num jornal ou revista (não científicos):**

Gomes, C. (2011, 8 de Janeiro). Parecer sobre Minas Gerais pode pôr fim ao embargo. *Jornal da Madeira*, p. 3.

Lopes, M. (2011, 9 de Janeiro). Governo elimina disciplina de Área de Projecto no 12º ano e cria Formação Cívica para o 10º. *O Público*. Recuperado de [http://www.publico.pt/Educação/governo-elimina-disciplina-de-area-de-projecto-no-12-ano-e-cria-formacao-civica-para-10o\\_1473907](http://www.publico.pt/Educação/governo-elimina-disciplina-de-area-de-projecto-no-12-ano-e-cria-formacao-civica-para-10o_1473907)

Nota: Quando é indicado o DOI (Digital Object Identifier), deve incluir-se no final da referência. Quando o artigo é retirado da Internet não é necessário colocar a data da consulta.

#### **Artigo numa revista electrónica**

Correia, J. & Caramelo, J. (2010). Autonomias e dependências do campo de investigação educacional em Portugal. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, 12, 27-36. Retirado de <http://sisifo.fpce.ul.pt/?i=30&p=27>

#### **Actas publicadas em forma de livro**

Bento, A. (2008). O insucesso no ensino superior: Perspectivas e situações dos alunos do 4º ano via ensino da Universidade da Madeira. In C. Escallier & N. Veríssimo (Orgs.), *Educação e Cultura* (pp. 147-156). Funchal, Madeira: Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira.

#### **Dissertação não publicada**

Silva, S. (2010). *Liderança escolar e aprendizagem discente: Que simbiose? Um estudo de caso numa escola secundária da Região Autónoma da Madeira* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade da Madeira, Funchal.

#### **Teses publicadas:**

Mendes, J. M. (1999). *Do ressentimento ao reconhecimento: vozes, identidades e processos políticos nos Açores: 1974-1996*, Tese de doutoramento em sociologia. Coimbra: Faculdade de economia da Universidade de Coimbra

#### Teses não publicadas:

Brazão, P. (2008). *Weblogs, aprendizagens e cultura da escola: Um estudo etnográfico numa sala do 1º ciclo do Ensino Básico* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade da Madeira, Funchal.

Lee, J. S. (1991). *A study of sleep deprivation and its effects on teenagers*, unpublished doctoral dissertation, University of Nebraska-Omaha. Dissertation Abstracts International, 50, 46158

#### Teses em língua Inglesa

Murray, F. (1988). *A study of transformational leadership and organizational effectiveness in selected small college settings*. Doctoral dissertation, Kent State University, Kent, OH.

Pillai, R. (1993). *The role of structural contextual and cultural factors in the emergence of charismatic leadership in organizations*. Unpublished doctoral dissertation, Pepperdine University, Malibu, California.

**Nota:** Em inglês, tese de Doutoramento é *Doctoral dissertation* e dissertação de Mestrado é *Master's thesis*.

#### Livro Colectivo

Sternberg, R. J. (Ed.). (1982). *Handbook of Human Intelligence*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.

#### Artigo de revista não científica

Bento, A. (2010, Abril). O Mestrado em Administração Educacional: Significância, caracterização e motivações. *Revista JA da Associação Académica da Universidade da Madeira*, pp. 8-9.

#### Comunicação apresentada em Congresso.

Bento, A. (2005, Dezembro). *Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: Perspectivas dos alunos do 5º ano (2º ciclo)*. Comunicação apresentada no 1º Colóquio do Departamento de Ciências da Educação-UMA, Funchal.

#### Resumo de comunicação apresentada em congresso, acessível na Internet

Ribeiro, M. & Bento, A. (2010). *O director de escola, a política organizacional escolar e a mercantilização da educação e as explicações: Um estudo de caso na Madeira*. Comunicação apresentada no VI Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar, Universidade de Aveiro. Resumo retirado de <http://www2.dce.ua.pt/VIsimpoooge/resumos%20das%20comunicações.pdf>

#### Poster apresentado em Congresso

Bento, A. (2008, Outubro). *O estudo acompanhado como prática colaborativa no Ensino Básico: Perspectivas dos alunos dos 2º e 3º ciclos*. Poster apresentado no Congresso "Psicologia, Educação, Comunidade" da Associação Educação & Psicologia, Funchal, Madeira.

#### Comunicação apresentada em Congresso (língua inglesa)

Koh, W., Terborg, J. R. & Steers, L.M. (1991, August). *The impact of transformational leadership on organizational commitment, organizational citizenship behaviour, teacher satisfaction and student performance in Singapore*. Paper presented at the Academy of Management, Miami Beach, FL.

#### Leis e Decretos-Leis

Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo)

Decreto-Lei nº 15/2007 de 19 de Janeiro (Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário)

Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de Abril (Regime de Autonomia, Administração e Gestão das Escolas).

#### REFERÊNCIAS

American Psychological Association. (2010). *Publication Manual* (6th ed.). Washington, DC: Author

Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.

Bento, A. (2008). Desafios à liderança em contextos de mudança. In A. Mendonça e A. Bento. *Educação em tempo de mudança* (pp. 21-30). Funchal: Grafimadeira.

- Bento, A. (2009). O fenómeno das explicações: políticas educativas, sucesso escolar e seus determinantes – um estudo exploratório na Região Autónoma da Madeira. In L. Rodrigues e P. Brazão. *Políticas educativas: Discursos e práticas* (pp. 311-324). Funchal: Grafimadeira.
- Bento, A. & Ribeiro, I. (2009). *Análise das práticas de liderança dos comportamentos de liderança dos alunos da Universidade da Madeira*. Actas do XIII Encontro Nacional de Educação em Ciências – Educação e Formação em Ciências, Cultura e Cidadania. Castelo Branco, 24-26 de Setembro de 2009 (ISBN: 978-989-95831-3-9).
- Cohen, L., Manion, L. and Morrison, K. (2000). *Research methods in education*. London: Routledge Falmer.
- Cooper, H. (1984). *The integrated research review: A systematic approach*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Correia, F. (2011). *Internet – sala de estudo virtual*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade da Madeira, Funchal.
- Creswell, J. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (2nd ed.). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Elbow, P. (2008). *Writing power*. Oxford, England: Oxford University Press.
- Estrela, E., Soares, M. & Leitão, M. (2007). *Saber escrever uma tese e outros textos* (5ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Cristóvão, F. (2001). *O método: sugestões para a elaboração de um ensaio ou tese*. Lisboa: Edições Colibri.
- Hartley, J. & Branthwaite, A. (1989). The psychologist as wordsmith: a questionnaire study of the writing strategies of productive British psychologists. *Higher Education*, 18, 423-452.
- Jaynes, J. (1976). *The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind*. Boston: Houghton Mifflin.
- Mc Millan, J. (1996). *Educational Research: fundamentals for the consumer* (2nd edition). New York: Harper Collins.
- Libório, A., Silva, Sofia, Oliveira, V., & Fraga, N. (2010). Liderança escolar: Qualidade que se aprende e desenvolve. In A. Bento & A. Mendonça (orgs.), *Educação em tempo de mudança: Liderança, currículo, inovação e super-visão* (2ª ed.). (115-127). Funchal: Grafimadeira.
- MacKenzie, R. (1990). *The time trap*. New York: Amacom.

- Marshall, C. & Rossman, G. (1999). *Designing qualitative research* (2<sup>nd</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Nalimov, V. (1982). *Realms of the unconscious: the enchanted frontier*. Philadelphia: ISI Press.
- Quijvy, R. & Champnhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (5ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Reis, F. (2010). *Como elaborar uma dissertação de mestrado segundo Bolonha*. Lisboa: Factor.

- Ribeiro & Bento (2010, Outubro). *O director de escola, a política organizacional escolar, a mercantilização da educação e as explicações: Um estudo de caso na Madeira*. Comunicação apresentada no VI Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar: A emergência do director de escola – questões políticas e organizacionais, Universidade de Aveiro, Aveiro.

- Silverman, D. (2005). *Doing qualitative research* (2<sup>nd</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

- Sousa, A. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

#### BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA RECOMENDADA

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.
- Azevedo, M. (2006). *Teses, relatórios e trabalhos escolares* (5ª ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Chiglione, R. & Matalon, B. (2005). *O Inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. Coimbra: Edições Almedina.

- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia Editora.
- Hill, M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Quivy, R. & Champnhoudt (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Martinez, L. & Ferreira, A. (2008). *Análise de dados com SPSS* (2ª edição). Lisboa: Escolar Editora.
- Pestana, M. E Gageiro, J. (2000). *Análise de dados para as ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Stake, R. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação: Como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Yin, R. (1984). *Case study research: Design and methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Yin, R. (2005). *Estudo de caso: planeamento e métodos* (3ª edição). Porto Alegre: Bookman.

## GLOSSÁRIO FUNDAMENTAL E SINTÉTICO

### A

- Amostra.** Um subconjunto da população seleccionada para participar numa investigação.
- Amostra representativa.** Uma amostra cujas características são bastante semelhantes àquelas da população da qual ela foi retirada.
- Amostra accidental.** Selecção de pessoas (ou unidades) mais prontamente disponíveis como sujeitos de um estudo; também conhecida como *amostragem por conveniência*.
- Amostra aleatória.** A selecção de uma amostra de modo que cada membro de uma população (ou subpopulação) tenha igual probabilidade de ser incluído.

**Amostra sistemática** O primeiro elemento é escolhido aleatoriamente numa lista e a partir deste ponto cada nome da lista é escolhido num intervalo fixo.

**Amostragem por conveniência.** Selecção das pessoas (ou unidades) mais disponíveis, como sujeitos de um estudo; também conhecida como *amostragem accidental*.

**Amostra não probabilística** Processo pelo qual todos os elementos da população não têm uma probabilidade igual de serem escolhidos para fazerem parte da amostra.

**Amplitude.** Uma medida de variabilidade que consiste na diferença entre o valor mais elevado e o mais reduzido, numa distribuição de valores.

**Análise de dados** Conjunto de métodos estatísticos que permitem visualizar, classificar, descrever e interpretar os dados recolhidos junto dos sujeitos da investigação.

**Análise de conteúdo.** Um procedimento para análise de comunicações escritas ou verbais, de maneira sistemática e objectiva, visando à mensuração quantitativa de variáveis.

**Análise qualitativa.** A organização e a interpretação de dados narrativos, não numéricos, com o propósito de descobrir dimensões e padrões importantes de relações.

**Análise quantitativa.** A manipulação de dados numéricos, através de procedimentos estatísticos, com o propósito de descrever fenómenos ou avaliar a magnitude e a confiabilidade das relações entre eles.

**Análise de variância (ANOVA)** Técnica de estatística inferencial que consiste em examinar as diferenças entre as médias de pelo menos dois grupos, comparando a variabilidade intergrupos e a variabilidade intragrupo.

**Anexo.** Contém informação adicional, que é suplementar ao corpo principal da dissertação ou tese e é elaborado por terceiros. Visa esclarecer, provar ou confirmar as ideias expressas no texto. Exemplo de um anexo é um decreto-lei.

**Apêndice.** Consiste em texto ou documentos elaborados pelo autor, que visam complementar a argumentação, sem prejuízo do trabalho sequencial da dissertação ou tese. Um questionário elaborado pelo autor ou um guião de entrevista são exemplos de apêndices. Tal como os anexos, os apêndices são identificados com as letras maiúsculas do alfabeto (A, B, C...)

## C

**Capacidade de generalização.** Grau em que os procedimentos de uma investigação justificam a inferência de que as descobertas representam algo além das observações específicas sobre as quais se baseiam; em especial, a inferência de que as descobertas podem ser generalizadas da amostra para toda a população.

**Categorias.** Possibilidades lógicas nas quais se pode situar um objecto em relação a uma dada característica.

**Categorias de conteúdo.** Rubricas significativas sob as quais os elementos do conteúdo são classificados e eventualmente quantificados através de uma análise de conteúdo.

**Citação.** Uma inserção, no decorrer de um texto, de uma informação pertencente a uma fonte identificada, quando são reproduzidas as próprias palavras da fonte citada. A citação deve corresponder exactamente ao original e ser acompanhada de informação rigorosa da sua fonte, incluindo a da(s) página(s) consultada(s).

**Codificação.** O processo de transformação de dados brutos numa forma padronizada (geralmente, numérica) para o processamento e a análise dos dados.

**Coefficiente de correlação.** Um índice que resume o grau de relação entre duas variáveis. Os coeficientes de correlação costumam variar de +1,00 (para uma relação directa perfeita), passando por 0,00 (ausência de relação) e chegando a -1,00 (para uma relação inversa perfeita).

**Conceito.** Uma abstracção baseada em observações de determinados comportamentos ou características (dor, alegria).

**Confiabilidade.** O grau de coerência ou segurança com que um instrumento mede o atributo que ele é encarregado de medir.

**Construto.** Uma abstracção ou conceito, deliberadamente inventado (construído) pelos investigadores, com um propósito científico.

**Correlação.** Uma tendência para a variação numa variável a ser associada à variação em outra variável.

## D

**Dados qualitativos.** Informações recolhidas no decorrer de um estudo, sob a forma de narração (não numérica), tais como a transcrição de uma entrevista não estruturada.

**Dados quantitativos.** Informações recolhidas durante o curso de um estudo e que estão sob uma forma quantificada (numérica).

**Dados.** Os elementos das informações obtidas no desenrolar de um estudo.

**Definição operacional.** A definição de um conceito ou variável, em termos das operações ou procedimentos através dos quais ela ou ele devam ser mensurados.

**Desenho de investigação.** Plano (ou desenho) e estratégia de investigação com vista a obter uma resposta válida às questões de investigação ou às hipóteses formuladas.

**Desvio padrão.** Estatística utilizada com maior frequência para medir o grau de variabilidade num conjunto de scores.

**Desvio.** A qualidade de um conjunto de scores, relativo à sua distribuição assimétrica, em torno de um ponto central.

**Diário.** No caso de estudos observacionais, o registo diário que faz o observador dos eventos e conversas que ocorreram.

**Discussão.** Secção de um relatório de investigação que oferece uma interpretação dos resultados da investigação.

**Distribuição aleatória.** A distribuição de sujeitos a condições de tratamento, de maneira aleatória (apenas determinado pela sorte); também conhecida como *randomização*.

**Distribuição bimodal.** Uma distribuição de valores com dois picos (frequências elevadas).

**Distribuição de frequência.** Arranjo sistemático de valores numéricos, do menor ao maior, junto com uma contagem da quantidade de vezes em que cada valor foi obtido.

**Distribuição multimodal.** Uma distribuição de valores com mais de um pico (alta frequência).

**Distribuição negativamente desviada - *skewed*.** Uma distribuição assimétrica de valores, de tal modo que um número desproporcionalmente elevado de casos possui valores elevados – isto é, eles recaem na extremidade superior da distribuição; quando exibidos graficamente, a extremidade aponta para a esquerda.

**Distribuição normal.** Uma distribuição com forma de sino e simétrica; também conhecida como curva normal.

**Distribuição positivamente desviada.** Uma distribuição assimétrica de valores, de tal modo que um número elevado de casos apresente valores baixos – isto é, eles recaem na extremidade mais baixa da distribuição; quando exibidos graficamente, a extremidade aponta para a direita.

**Distribuição simétrica.** Uma distribuição de valores que têm duas metades que são imagens espelhadas uma da outra; uma distribuição sem desvios.

**Distribuição unimodal.** Uma distribuição de valores com um pico (alta frequência).

## E

**Efeito de Hawthorne.** Efeito que corresponde à tomada de consciência dos sujeitos que participam numa investigação científica e, em consequência, modificam o comportamento; um tal efeito influencia as observações relativas à variável dependente; por outras palavras, o efeito de uma variável dependente, causada pelo conhecimento por parte dos sujeitos que são participantes “especiais” no estudo.

**Entrevista em grupo focal.** Entrevista em que os respondentes são um grupo de pessoas reunidas para tratar de perguntas sobre determinado assunto, de forma não estruturada e informal.

**Entrevista não-estruturada.** Um auto-relato oral em que o investigador faz perguntas aos respondentes, sem visões preconcebidas do conteúdo específico ou fluxo de informações que serão recolhidas.

**Entrevista.** Método de recolha de dados em que uma pessoa (um entrevistador) faz perguntas a outra (um respondente), podendo ser conduzidas pessoalmente ou por telefone.

**Enviesamento.** Qualquer influência que pode falsar os resultados de uma investigação científica e prejudicar as generalizações dos resultados obtidos numa amostra para outra amostra ou para a população inteira.

**Erro Tipo I.** Uma decisão de rejeitar a hipótese nula, quando ela é verdadeira (o investigador conclui que existe uma relação quando na verdade ela não existe).

**Erro Tipo II.** Uma decisão de aceitar a hipótese nula, quando ela é falsa (o investigador conclui que não existe relação quando na verdade ela existe).

**Escala.** Uma medida composta de um atributo que consiste em vários itens que possuem uma relação lógica ou empírica, uns com os outros; envolve a

designação de um *score* para colocar os sujeitos num *continuum*, no que diz respeito ao atributo.

**Escala Likert.** Um tipo de medida composta de atitudes que envolvem a soma de *scores*, num conjunto de itens (enunciados), de modo a que os respondentes são solicitados a indicar seu grau de concordância ou discordância.

**Estatística descritiva.** Estatística utilizada para descrever e resumir o conjunto de dados de um investigador (média, desvio padrão).

**Estatística inferencial.** Estatística que nos permite inferir se as relações observadas numa amostra apresentam alguma probabilidade de ocorrer numa população maior.

**Estatisticamente significativo.** Dizer que um resultado é estatisticamente significativo significa que as diferenças encontradas são grandes o suficiente para não serem atribuídas ao acaso.

**Estudo de caso.** Método de pesquisa que envolve uma análise completa e em profundidade de um indivíduo, grupo, instituição ou outra unidade social.

**Estudo piloto.** Estudo realizado em escala reduzida a fim de determinar a praticabilidade de uma investigação, identificar os problemas susceptíveis de se colocarem e de se assegurar que os métodos e os objectivos da investigação futura são adequados.

**Etnografia.** Um ramo da pesquisa humana, associado ao campo da Antropologia, que tem seu foco numa cultura (ou subcultura) de um grupo de pessoas com um esforço para compreender a visão de mundo daqueles sujeitos.

**Etnometodologia.** Ramo da pesquisa humana, associada à sociologia, que tem seu foco na maneira como as pessoas compreendem suas actividades do quotidiano e passam a comportar-se de formas socialmente aceites.

**Ética.** Conjunto de regras que regem o carácter moral do processo de investigação.

## F

**Fenomenologia.** Um método de investigação que enfatiza a complexidade da experiência humana e a necessidade de se estudar aquela experiência, de maneira holística, tal como ela é, realmente vivida.

**Fiabilidade.** Característica de um equipamento ou de uma técnica que assegura recolher os mesmos dados cada vez que os mesmos fenómenos se produzam.

**Fidelidade.** Propriedade dos instrumentos de medida segundo a qual se obterá os mesmos resultados se se toma uma mesma medida duas ou mais vezes nas mesmas condições, junto dos mesmos sujeitos.

**Fonte primária.** Relatórios de factos, descobertas ou eventos em primeira mão; em termos da pesquisa, a fonte primária é o relatório original da pesquisa, tal como preparado pelo investigador que realizou o estudo.

**Fonte secundária.** Relatos de segunda mão de eventos ou factos; num contexto de pesquisa, a descrição de um estudo ou estudos, preparados por alguém que não o investigador original.

## G

**Generalização.** Raciocínio que permite extrapolar os resultados obtidos a partir de uma amostra, à população donde estes provêm ou a outros contextos.

**Grau de liberdade.** Elemento de informação independente (tal como o número de sujeitos), utilizado aquando de um teste de estatística inferencial.

**Grupo de controlo.** Sujeitos de um estudo que não recebem o tratamento experimental e cuja *performance* fornece uma linha básica, a partir do qual os efeitos do tratamento podem ser mensurados.

**Grupo experimental.** Os sujeitos que recebem o tratamento ou intervenção experimental.

## H

**Hipótese de investigação.** Enunciado formal que prediz a ou as relações esperadas entre duas ou mais variáveis. É uma resposta plausível para o problema de investigação.

**Hipótese nula.** A hipótese que declara não haver qualquer relação entre as variáveis estudadas; usada, basicamente, em testes de significância estatística, para a hipótese a ser rejeitada.

**Hipótese.** Um enunciado de uma relação prevista entre as variáveis investigadas; as hipóteses conduzem a estudos empíricos que buscam confirmar ou infirmar aquelas previsões.

**História de vida.** Um auto-relato narrado das experiências de vida de um indivíduo, face a algum tema de interesse do pesquisador.

## I

**Inquérito.** Método de investigação segundo o qual os dados são obtidos junto de uma amostra representativa, a partir de questionários estruturados preenchidos no momento de uma entrevista, pela própria pessoa, pelo telefone ou enviados ao participante, preenchidos por este e reenviados pelo correio.

**Interpretação.** Etapa de uma investigação que visa compreender os dados recolhidos e dar-lhes um significado.

**Investigação – acção.** Processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo profissional – primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano de acção –, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da acção ao problema. A avaliação é efectuada para verificar e demonstrar a eficácia da acção realizada. Investigação-acção é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo pelos próprios profissionais no exercício das suas actividades para melhorarem a sua prática.

**Investigação científica.** Processo sistemático de recolha e análise de dados empíricos visando resolver um problema de investigação particular.

**Investigação correlacional.** Investigação que assenta no estudo das relações entre pelo menos duas variáveis, sem que o investigador intervenha activamente para influenciar estas variáveis.

**Investigação descritiva.** Investigação que fornece informação sobre as características de pessoas, de situações, de grupos ou de acontecimentos.

**Investigação etnográfica.** Estudo descritivo das culturas, das comunidades, dos meios, permitindo identificar e classificar por categorias certas variáveis ou certos fenómenos, a fim de elaborar uma teoria.

**Investigação experimental.** Investigação objectiva e sistemática realizada com o objectivo de explicar, de prever e de controlar fenómenos. O investigador manipula a variável independente e observa o efeito desta manipulação sobre a variável dependente.

**Investigação fenomenológica.** Investigação baseada num método qualitativo, indutivo e descritivo proveniente da filosofia fenomenológica e que tem

por finalidade descrever a experiência tal como esta é vivida pelos participantes no estudo.

**Investigação fundamental.** Investigação que tem por objectivo provar teorias, leis científicas, princípios de base; visa aumentar o domínio do saber sem se preocupar com as aplicações práticas imediatas.

**Investigação histórica.** Exame dos acontecimentos passados com a ajuda de documentos e de arquivos, de forma a interpretar esses acontecimentos à luz do presente.

**Investigação qualitativa.** Investigação cuja finalidade é compreender um fenómeno segundo a perspectiva dos sujeitos; as observações são descritas principalmente sob a forma narrativa.

**Investigação quantitativa.** Investigação cuja finalidade é descrever, verificar relações entre variáveis e examinar as mudanças operadas na variável dependente após a manipulação da variável independente.

**Informante.** Termo usado em referência à pessoa que fornece informações a pesquisadores sobre um fenómeno estudado; costuma ser utilizado em estudos qualitativos, em lugar do termo “sujeito” ou “respondente”.

## M

**Manipulação.** Uma intervenção ou tratamento introduzidos pelo pesquisador, num estudo experimental ou quase-experimental; o pesquisador manipula a variável independente para avaliar seu impacto sobre a variável dependente.

**Maturação.** Uma ameaça à validade interna de um estudo que resulta quando os factores influenciam a medida resultante (variável dependente), como um resultado do passar do tempo.

**Mediana.** Uma estatística descritiva que é uma medida de tendência central, representando o *score* ou o valor médio exacto, numa distribuição de *scores*; a mediana é o valor acima e abaixo dos 50% onde se situam os *scores*.

**Média.** Uma estatística descritiva que é uma medida de tendência central, calculada através da soma de todos os *scores*, dividida pelo número de sujeitos.

**Medida nominal.** O nível mais baixo de mensuração que envolve a colocação de características em categorias (ex: homens: categoria 1; mulheres: categoria 2).

**Medida ordinal.** Um nível de mensuração que produz ordens de classificação de uma variável, ao longo de alguma dimensão.

**Medida por intervalo.** Nível de mensuração em que um atributo de uma variável está ordenado numa classificação, numa escala que possui iguais distâncias entre os pontos ( Ex.: graus Fahrenheit).

**Meta-análise.** Uma técnica para combinar, quantitativamente, e, dessa forma, integrar os resultados de estudos múltiplos sobre um determinado assunto.

**Método científico.** Um conjunto de procedimentos controlados de maneira ordenada e sistemática para a aquisição de informações seguras e empíricas.

**Métodos de (pesquisa).** As etapas, os procedimentos e as estratégias para a reunião e a análise dos dados, numa pesquisa.

**Moda.** Uma estatística descritiva que é uma medida da tendência central; o *score* ou valor que ocorre com maior frequência numa distribuição de *scores*.

## N

**n.** Costuma ser usado para designar a quantidade de sujeitos num subgrupo ou célula de um estudo (“cada um dos quatro grupos possuía um *n* de 125 para um *N* total de 500”).

**N.** Costuma ser utilizado para designar o número total de sujeitos num estudo (“o *N* total foi de 500”).

**Nível de significância.** A probabilidade de que uma relação observada possa ter sido causada pelo acaso (devido a erro de amostragem); a significância ao nível de 0,05 indica a probabilidade de que uma relação da magnitude observada seria encontrada, ao acaso, somente cinco vezes em cem.

**Normas.** Informações que permitem comparar o resultado de um sujeito ao de outros sujeitos de uma mesma população relativamente a uma variável.

## O

**Objectividade.** Qualidade desejada pela pesquisa que faz uso do método científico; refere-se o quanto dois pesquisadores independentes chegariam a julgamentos ou conclusões semelhantes (julgamentos não prejudicados por valores ou crenças pessoais).

**Observação.** Procedimento de investigação científica que permite verificar, com a ajuda de indicadores, factos particulares e recolher dados. Também cada um dos dados recolhidos aquando de uma investigação.

**Observação não-estruturada.** A recolha de informações descritivas, através de observação directa, em que o observador é orientado por algumas perguntas gerais da pesquisa, embora ele não siga um plano pré-estabelecido de observação, enumeração ou registo de informações.

**Observação participativa.** Um método para a recolha de dados, através da observação de um grupo ou organização, em que o observador participa como membro.

**Operacionalização.** Processo de tradução dos conceitos da pesquisa em fenómenos mensuráveis.

## P

**Paradigma.** Conjunto de convicções, de valores reconhecidos e de técnicas comuns aos membros de uma colectividade científica, que permite ter uma perspectiva particular da realidade e dos acontecimentos.

**Paráfrase.** É a reformulação de um texto, por meio de palavras diferentes das originais, sem, contudo, lhe modificar o sentido nem o ponto de vista. Na paráfrase, mantêm-se as ideias do texto original, mas usam-se as próprias palavras, ao contrário do que se faz quando se cita literal e directamente.

**Pergunta fechada.** Uma pergunta que oferece aos respondentes uma série de respostas alternativas, mutuamente excluídas e conjuntamente exaustivas, dentre as quais precisa ser escolhida aquela que mais se aproxima da resposta certa.

**Pesquisa aplicada.** Pesquisa que se concentra na descoberta de uma solução de um problema prático imediato.

**Pesquisa básica.** Pesquisa feita para ampliar a base de conhecimentos de uma disciplina para o bem da produção de conhecimento ou elaboração de teorias, e, não, para a solução de algum problema imediato.

**Pesquisa *ex post facto*.** Pesquisa realizada após terem ocorrido as alterações na variável independente, no curso natural dos acontecimentos; uma forma de pesquisa não-experimental em que são inferidas as explicações causais, após o facto.

**Pesquisa metodológica.** Pesquisa elaborada para desenvolver ou aperfeiçoar procedimentos para a obtenção, organização ou análise de dados.

**Pesquisa não-experimental.** Estudos em que o investigador recolhe os dados sem introduzir quaisquer tratamentos ou mudanças.

**Pesquisa tipo *survey*.** Um tipo de pesquisa não-experimental que focaliza a obtenção de informações referentes ao *status quo* de alguma situação, geralmente, através de perguntas directas feitas a uma amostra de respondentes.

**Pesquisa.** Investigação sistemática que faz uso de métodos cientificamente ordenados para responder a perguntas ou solucionar problemas.

**Plágio.** É a utilização de um texto ou de uma passagem sem referir o seu autor e apresentando-os como da autoria da pessoa que os utiliza.

**Polígono de frequência.** Exposição gráfica de uma distribuição de frequência, em que pontos ligados por uma linha recta indicam a quantidade de vezes em que ocorre um valor obtido num conjunto de dados.

**População acessível.** A população de sujeitos disponíveis para determinado estudo; geralmente, um subconjunto não-aleatório da população-alvo.

**População-alvo.** Toda a população em que o investigador está interessado e a que ele gostaria de generalizar os resultados de um estudo.

**População.** Todo o conjunto de indivíduos (ou objectos) que possuem alguma característica comum (ex., todos os professores da cidade do Funchal); por vezes chamado *universo*.

**Positivismo.** Abordagem de investigação que necessita da observação sistemática, da determinação dos factos e da objectividade do investigador.

**Pré-teste.** a) A recolha de dados antes da intervenção experimental; b) A administração em forma de tentativa, de um instrumento recém-elaborado para identificar falhas ou avaliar as exigências de tempo.

**Projecto de investigação.** Etapa preliminar de uma investigação científica, no decurso da qual é necessário estabelecer os limites do objecto do estudo e precisar a maneira de realizar cada uma das etapas do processo de investigação.

**Pós-teste.** A recolha de dados, após a introdução de uma investigação experimental.

**Positivismo lógico.** A filosofia subjacente ao método científico tradicional.

**Projecto de investigação.** Documento que especifica o que o investigador se propõe estudar, ele comunica o problema da pesquisa, o seu significado,

os procedimentos planejados para a solução do problema e a calendarização das etapas da investigação.

**Psicometria.** A teoria que define os princípios de mensuração e a aplicação dessa teoria na elaboração de instrumentos de mensuração.

## Q

**Quadro conceitual.** (Modelo conceitual). Disposição dos conceitos estudados numa investigação de maneira a fornecer uma justificação racional e uma perspectiva ao estudo.

**Quadro teórico.** Descrição e explicação das relações que existem entre os conceitos estudados numa investigação e que estão contidas numa teoria.

**Quase-experimental.** Um estudo em que os sujeitos não podem ser designados, de maneira aleatória, a condições de tratamento, embora o investigador realmente manipule a variável independente e exerça determinados controles para realçar a validade interna dos resultados.

**Questionário.** Documento utilizado para reunir informações sob a forma de auto-relatos dos respondentes através da administração de perguntas.

**Qui-quadrado.** Teste não paramétrico utilizado para verificar a existência de uma relação entre duas variáveis nominais.

## R

**r de Pearson.** O coeficiente de correlação de uso mais difundido, atribuindo a magnitude da relação entre duas variáveis mensuradas em, pelo menos, uma escala por intervalo; também chamado *correlação produto-momento*.

**Raciocínio dedutivo.** O processo de se elaborarem previsões específicas a partir de princípios gerais.

**Raciocínio indutivo.** Processo de raciocínio, a partir de observações específicas para regras mais gerais.

**Randomização.** A designação de sujeitos a condições de tratamento de maneira aleatória (*i.e.*, de maneira determinada apenas pela sorte); também conhecida por *designação randômica*.

**Referências.** É o conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite a sua identificação individual. Denomina-se

ainda de *Referências* a lista composta de documentos padronizados e utilizados na elaboração de um trabalho acadêmico.

**Regressão.** Procedimento estatístico para a previsão de valores de uma variável dependente, com base nos valores de uma ou mais variáveis independentes.

**Resumo.** Resumo de um relatório de investigação ou de uma dissertação ou tese, compreendendo o objectivo do estudo, uma breve descrição dos sujeitos e do seu papel como participantes, assim como uma síntese das principais conclusões.

**Revisão da literatura.** Resumo crítico de pesquisa sobre um tópico de interesse, geralmente preparado para colocar um problema de investigação num contexto, ou para identificar as falhas e pontos fracos em estudos anteriores, de modo a justificar uma nova investigação.

**Rho de Spearman.** Um coeficiente de correlação que indica a magnitude de uma relação entre as variáveis mensuradas numa escala original.

**r.** O símbolo que costuma ser usado para designar um coeficiente de correlação bivariada, resumindo a magnitude e a direcção de uma relação entre duas variáveis.

## S

**Score.** Valor numérico que traduz o número de pontos acumulados por um sujeito num teste.

**Sistemização.** Operação característica da investigação científica consistindo em reunir dados empíricos, em colocar hipóteses de investigação plausíveis e em eliminar as hipóteses que não têm fundamento.

**Sujeito.** Pessoa que participa de um estudo e fornece dados; por vezes, os sujeitos são indicados por ss (*e.g.*, "havia 20 ss no estudo").

## T

**Taxa de resposta.** A taxa de participação num estudo, calculada dividindo-se o número de participantes pelo número de pessoas na amostra.

**Tendência central.** Um índice estatístico da tipicidade de um conjunto de scores que se origina do centro da distribuição de scores. Os três índices mais comuns de tendência central são a moda, a mediana e a média.

**Teoria.** Generalização abstracta que apresenta uma explicação sistemática para as relações entre fenómenos.

**Tema de investigação.** Domínio delimitado do saber, no interior do qual será formulado um problema de investigação.

**Teste do qui quadrado.** Um teste não-paramétrico de significância estatística, utilizado para a avaliação da existência ou não de uma relação entre duas variáveis a nível nominal. Simbolizado como  $\chi^2$ .

**Teste Kruskal-Wallis.** Teste não-paramétrico usado para testar a diferença entre três ou mais grupos independentes, com base em *scores* de um *ranking*.

**Teste McNemar.** Um teste estatístico para comparar as diferenças nas proporções, quando os valores se derivam de grupos combinados (não-independentes).

**Teste t.** Teste estatístico paramétrico, utilizado para a análise da diferença entre duas médias.

**Teste U Mann-Whitney.** Um teste não-paramétrico utilizado para testar a diferença entre dois grupos independentes, com base em *scores* de um *ranking*.

**Tratamento.** A intervenção experimental que está sendo estudada; a condição a ser manipulada.

**Triangulação.** O uso de múltiplos métodos ou perspectivas para a recolha e interpretação de dados sobre algum fenómeno, para que haja convergência quanto a uma representação precisa da realidade.

## U

**Unidade de análise.** A unidade ou foco básicos da análise de um investigador; na pesquisa educacional a unidade de análise costuma ser cada sujeito.

## V

**Validade do conteúdo.** O grau em que um instrumento mede o constructo que está sendo investigado.

**Validade externa.** O grau em que os resultados de um estudo podem ser generalizados a locais ou amostras que não aqueles estudados.

**Validade interna.** O grau em que se pode inferir que o tratamento experimental (variável independente), mais do que pelos factores estranhos e incontrolláveis, é responsável pelos efeitos observados.

**Validade.** O grau em que um instrumento mede aquilo que se propões medir.

**Variabilidade.** O grau em que os valores, num conjunto de *scores*, são bastante diferentes ou estão muito dispersos (ex., poder-se-ia esperar uma maior variabilidade de idade, numa escola secundária que numa pré.)

**Variância.** Uma medida da variabilidade ou dispersão, igual ao quadrado do desvio padrão.

**Variável contínua.** Uma variável capaz de assumir uma grande variabilidade de valores representando um *continuum* (ex., altura).

**Variável de categoria.** Uma variável que designa valores separados, ao invés de uma colocação incremental ao longo de um *continuum* (ex., estado civil de uma pessoa).

**Variável discreta.** Variável utilizada para classificar sujeitos, objectos, situações por categorias ou valores numéricos discretos.

**Variável dependente.** A variável de resultado que interessa ao investigador; a variável que é formulada como uma hipótese para depender de outra variável (chamada de *variável independente*) ou para ser causada por outra variável; por vezes, chamada de *variável critério*.

**Variável dicotómica.** Uma variável que possui somente dois valores ou categorias (ex., sexo).

**Variável estranha.** Variável presente independente da vontade do investigador, que tem um efeito inesperado sobre a variável dependente e que representa risco de falsear os resultados.

**Variável independente.** A variável que, segundo a crença, causa ou influencia a variável dependente; numa pesquisa experimental, a variável independente é aquela que é manipulada.

**Variável.** Característica ou atributo de uma pessoa ou objecto que varia (assume valores diferentes), na população estudada (ex., temperatura do corpo, idade, ritmo cardíaco).

**II<sup>a</sup> PARTE**

## SUGESTÕES PRÁTICAS

### a) Dúvidas e “momentos em baixo”

Durante o processo de investigação (Mestrado e Doutoramento) somos invadidos por sentimentos negativos que podem ser descritos como “*momentos em baixo*”. Encabeçando a lista dos sintomas está o sentir-se completamente *stressado*. Este sentimento tende a ser prevalente quando os planos para a dissertação e mesmo o pré-projecto não foram desenvolvidos na parte inicial ou na parte curricular do curso. Muitos mestrandos chegam até a sentir que escolheram o projecto errado e pensam até que deviam mudar de tema. Muitos chegam a questionar-se desoladamente “Por que é que eu me meti nisto?” Para seguir em frente é necessário um forte compromisso pessoal e muita auto-confiança. Algum apoio pode ser encontrado no trabalho realizado por outros que nos antecederam e que são “*exemplos reais*” de que persistindo “*consegue-se chegar ao fim*” e levar o projecto a “*bom porto*”. Afirma um colega meu (Correia, 2011) que acabou a sua tese de doutoramento em Setembro de 2011 acerca da sua experiência enquanto investigador:

Foi um trabalho por vezes interessante, outras vezes enfadonho e desanimador. Qualquer processo de investigação carrega consigo algo de penoso e este não fugiu á regra. Dúvidas constantes no que tinha a ver com o trabalho propriamente dito, com a sua validade, se seria ou não capaz de concluir esta tarefa ou se valeria a pena continuá-la. (p. 385).

### c) Planeamento

Muitas pessoas que estão envolvidas no processo de investigação não conseguem atingir os seus mais importantes objectivos por falta de planeamento. O desenvolvimento de objectivos é essencial no processo de investigação. De semelhante importância são as rotinas diárias. Algumas pessoas estão mais alerta de manhã entre as 6h00 e as 9h00. Outros trabalham melhor durante as horas da noite. O tempo nobre devia ser reservado para tarefas que requerem grande criatividade. Os períodos menos nobres devem ser reservados para as tarefas que exigem menos concentração e atenção como, por exemplo, a transcrição de notas de observação e reflexão, a transcrição de entrevistas, a elaboração de refe-

rências bibliográficas, correcções ortográficas, etc. Uma vez encontrado e definido um horário de rotina, esse deve manter-se durante toda a fase da escrita.

#### **d) Períodos de lazer**

O uso efectivo de períodos de trabalho deve justificar possíveis sentimentos de culpa acerca do tempo de lazer. De facto, o tempo reservado para os interesses pessoais e para relaxamento pode avançar com interesses profissionais. Nalimov (1982) notou que momentos durante actividades triviais podem proporcionar perspectivas úteis do subconsciente ou o aparecimento de novas ideias na consciência contínua. Uma sondagem informal de 14 proeminentes investigadores e académicos na universidade Estadual de Washington sugeriu que situações produtivas de ideias incluíam chuveiro, relaxação, golfe, natação e leitura. Um autor recomenda leitura geral: "você deve ler coisas totalmente irrelevantes para a sua área, procurar por instrumentos ou novas ideias que se aplicam aos problemas que tem nas mãos assim, o tempo passado no desporto e no lazer pode ser visto como oportunidades para o pensamento criativo. Uma caneta e um bloco de notas devem estar sempre à mão para capturar pensamentos "brilhantes". Um ex-aluno meu e amigo da área de Santarém referiu-me um dia que costumava acordar durante a noite com ideias importantes sobre o seu projecto de Mestrado – "Nesses momentos, acendo a luz, pego na caneta e no bloco de notas e escrevo", referia-me ele, o meu ex-aluno e amigo Ricardino.

#### **e) Perdas de tempo**

Estando os objectivos definidos e as rotinas organizadas, requer-se uma execução atempada delas. O primeiro passo na execução atempada das tarefas é efectivamente a identificação de perdas de tempo; Mackenzie (1990) faz a listagem das mais comuns: a) Interrupções de telefone b) uso ineficiente do telefone, c) visitas que chegam sem marcação, d) situações de crise, e) falta de estabelecimento de prazos; f) falta de estabelecimento de prioridades; g) indecisão e procrastinação; h) demasiado envolvimento com detalhes e rotinas; i) tentar fazer muito dum só vez; j) sobrestimar o tempo necessário para a realização de tarefas; l) comunicação pobre; m) incapacidade de dizer "não"; n) preguiça, o) fadiga, e, p) falta de saúde.

Estes aspectos que nos levam a perder tempo podem ter um impacto significativo no período de um ano (no caso da dissertação) e dois anos (no caso da tese) e, portanto, devem-se encontrar soluções para minimizar

a sua influência. Por exemplo, colocar o telefone no modo de silêncio minimiza as interrupções provocadas pelo tocar dele. É preciso ser assertivo para responder a interrupções. Outro aspecto interessante é que o estabelecimento de prazos melhora a realização das tarefas pois provoca algum *stress* ou ansiedade o que de certo modo pode originar alguma criatividade.

A pobre comunicação pode resultar numa séria perda de tempo: alguns aspectos que podem melhorar a comunicação: estabeleça encontros regulares com o seu orientador; planeie e organize as reuniões; tome notas e use *feed back* verbal (e.g., "Se eu o(a) compreendi correctamente, você diz que ...) durante as reuniões. Por vezes, o desinteresse esporádico pode ser reduzido com a diversidade. Misturando a parte experimental com a escrita e também com estudo é uma grande ajuda. Este tipo de diversidade tem resultado na produtividade e também na criatividade.

Em resumo, cumprir os planos e os prazos para acabar a tempo, requer cuidada organização e melhora a execução. Isto é conseguido através de estabelecimento de rotinas, organização de actividades de lazer, e minimização de perdas de tempo.

#### **f) Participação e apresentações em encontros científicos**

O trabalho de um cientista ou de um investigador é descobrir, confirmar e comunicar novo conhecimento. Por isso, devem-se programar apresentações em colóquios e congressos e publicações em livros e revistas.

A apresentação de comunicações em encontros científicos é uma parte importante do processo de investigação. O trabalho é melhor compreendido depois de ter sido apresentado em frente de uma audiência. As apresentações de trabalhos a uma audiência específica pode propiciar criticismos, reflexões, interpretações, novas perspectivas e, algumas vezes, mudança de direcção da investigação. Para além disso, é uma boa oportunidade para encontrar colegas e, muitas vezes, importantes contactos para o futuro.

#### **g) Seleccionar um tópico**

A selecção de um tópico apropriado para o projecto de investigação é o primeiro grande desafio na condução de própria investigação. Não há regras simples para a escolha de um tópico de interesse mas há algumas considerações na tomada de uma decisão apropriada. Muitos alunos obtêm os seus tópicos para investigação a partir de leituras que tenham fei-

to, a partir de uma observação interessante que tenham analisado. “Notei que os professores que não têm regras definidas nas suas aulas, têm turmas mais indisciplinadas”; “ Eu deduzo a partir daí se...” ou a partir de um “questionamento” aplicado nas suas vidas ou trabalho profissional: “tenho grande dificuldade em motivar os alunos na minha disciplina e quero descobrir como posso melhor trabalhar com eles”. Uma outra estratégia é perguntar por ideias ou conselhos aos investigadores experientes na área de interesse. Muitos investigadores ficam contentes em partilhar ideias e trabalhos de investigação com alunos entusiásticos e que, obviamente, estão familiarizados com as suas prévias investigações.

## h) Algumas orientações para a selecção de um tópico

Registam-se, aqui, algumas orientações para decidir se um tópico é apropriado como um tema de dissertação da investigação:

1. O tópico precisa de atrair o seu interesse por um longo período de tempo. Dissertações e teses, geralmente, levam quase o dobro do tempo previsto e não há nada pior que fazer algo que não se goste.
2. No outro extremo, é aconselhável evitar tópicos que são demasiado ambiciosos ou demasiado desafiantes. A maior parte dos alunos que-rem acabar dentro de tempo determinado e dos prazos fixados. Dissertações grandiosas correm o risco de nunca serem acabadas. Não é realista para uma dissertação dizer tudo o que há para dizer sobre um determinado tema (ex. O sistema educativo português) e você precisa temperar o seu entusiasmo com pragmatismo. Como um professor meu costumava dizer: “ há dois tipos de dissertações: as óptimas e as que foram acabadas”. Por vezes, faz sentido escolher um tópico de investigação na base da conveniência ou afinidade com o trabalho que se tem e guardar tópicos mais grandiosos para um possível futuro doutoramento.
3. Não deveria querer com o tópico de investigação, resolver problemas pessoais. A investigação exige honestidade rude e objectividade. Encarar a investigação como uma aventura exploratória que dará luz no tópico em vez de exercitar uma polémica que substancia o seu ponto de vista. Tive há uns anos uma aluna de Mestrado que queria aproveitar o seu tópico de investigação para resolver questões de natureza pessoal e política, por isso queria exigir que uns políticos locais lhes dessem as entrevistas que (e como) ela desejava.
4. Precisa de seleccionar um tópico que tenha a potencialidade para você fazer uma contribuição original no campo de investigação e de-

monstrar o domínio independente da área e do método. Em outras palavras, o tópico deve valer a pena ser feito. No mínimo, o estudo deve gerar ou validar compreensão teórica numa área ou nas áreas onde as dissertações práticas são permitidas, contribuir para o desenvolvimento da prática profissional.

## i) O problema

O problema torna-se mais fácil pela revisão exploratória da literatura e reflexão. Não se pode ter um horário para isto. Quando a inspiração não vem, é preferível “esquecer” o problema por algum tempo. Um período de incubação pode ser seguido pela iluminação, por vezes referido como o “aha” da descoberta. Tal visão pode vir em tempos pouco usuais como ao adormecer ou passeando na *promenade*, durante períodos de higiene pessoal ou quando viajando. A psicóloga Julian Jaynes (1976) refere estes períodos de tempo como os três B’s – “the bed, the bath, and the bus” (a cama, o banho e o autocarro).

Deve-se prestar atenção ao subconsciente. Se não escrevermos uma ideia quando vem até nós pode ser difícil captá-la e reconstruí-la mais tarde. Por isso, dizia-me um aluno meu, o Ricardino, “eu tenho um bloco de notas na cabeceira para escrever ideias que vêm até mim no meio da noite”. Diz-se que Einstein era frequentemente inspirado enquanto fazia a barba. Outros autores referem como momentos de inspiração, viagens, passeios, participação em colóquios ou reuniões, leituras de artigos de jornais ou revistas, etc.

É bem conhecida a história do cientista grego Arquimedes: ele teve um momento propício de inspiração quando estava a tomar banho. Ficou tão entusiasmado que saiu imediatamente do banho e correu nu pelas ruas de Atenas a gritar «Eureka!», «Eureka!» («Descobri!»). («Descobri!»).

Por vezes, uma inspiração pode dar-nos tanta energia e entusiasmo que nem conseguimos dormir nem pensar em mais nada. Neste caso, deve-se-á sentar e escrever todas as ideias e detalhes que surjam na sua mente. Frequentemente isto libertar-nos-á a mente e permitir-nos-á voltar a dormir.

É costume dizer-se que para se completar uma dissertação é necessário ter determinação e aplicação, mais que brilhantismo.

Construa com o seu orientador um plano geral de trabalho e as fases do seu projecto (cronograma). Isto permitirá localizar o seu trabalho num

espaço de tempo determinado. Use este plano para controlar o seu progresso geral e assim motivar-se a si próprio para continuar em rota.

Para cada fase elabore uma lista de tarefas que devem ser feitas. Isto permite-lhe controlar em detalhe o seu progresso. Tive uma aluna de Mestrado que fez um desdobrável prático que lhe chamou "fólio" (pois parecia mesmo um harmónio em papel, várias folhas A4 coladas na horizontal) com as etapas todas planeadas e cronometradas. Concluiu e cumpriu todas as etapas que tinha previsto e registado no seu "fólio".

Os prazos são importantes. Estabeleça prazos realistas e consiga-os.

Hartley e Branthwaite (1989), estudaram as características de escritores e oferecem algumas estratégias que podem ser transferidas para a investigação:

1. Faça um plano provisório do projecto
2. Complete as secções e uma de cada vez. Pode ajudar fazê-las por ordem
3. Reveja e escreva de novo pelo menos duas vezes
4. Planeie passar 2-5 horas por semana a escrever
5. Encontre condições calmas e sossegadas para escrever, e se possível, escreva sempre no mesmo local.
6. Estabeleça objectivos e metas para si
7. Tenha colegas ou amigos que comentem os seus primeiros rascunhos
8. Colabore com colegas de longa data e amigos de confiança

Embora estes sejam bons conselhos devemos ter em conta que cada pessoa tem o seu estilo de escrita. Uns são "penso enquanto escrevo" enquanto outros são "penso e depois escrevo". O processo de escrever e reescrever é importante. Por isso a minha recomendação é a seguinte: a) desenvolva os pontos principais em qualquer ordem se você é tipo holístico, e sequencialmente se você é serialista, escrevendo tudo o que lhe vem à cabeça; b) organize-os numa estrutura aceitável: e só depois, tente c) construir os pontos em parágrafos gramaticais feitos com frases equilibradas.

Não faça uma dissertação maior que o necessário; procure fazer justiça ao processo de investigação. Praticamente, todas as Universidades impõem um número limite de páginas para dissertações e teses. Na Universidade da Madeira, no Departamento de Ciências da Educação as dissertações não devem ultrapassar as 150 páginas (entre 32 e 40 mil palavras) as teses de doutoramento não devem ultrapassar as 300 páginas (entre 100 e 120

mil palavras). Desde o início, use o sistema de referências bibliográficas exigidas pelo seu Departamento ou Universidade. No Departamento de Ciências da Educação são seguidas as Normas APA e para os alunos Brasileiros é permitido seguirem as normas brasileiras ABNT (Ver apêndice C deste livro).

Escreva o seu trabalho final pela ordem que for mais fácil para si. Não tem que ser escrita na ordem em que vai ser lida. Convém sempre que se faça a revisão da literatura antes da metodologia; todavia, por vezes, a secção da metodologia pode ser e até é um bom lugar para começar.

Desenvolva o seu próprio programa de escrita: estabeleça espaços fixos durante a semana para a escrita e proteja esses tempos como quem reserva tempo para participar numa reunião, preparar ou dar aulas.

Desenvolva os seus objectivos de escrita: parece ser tão simples que nem pensamos nisso mas para se obter o resultado máximo dos esforços da escrita é um pré-requisito. Por exemplo, eu planeio escrever a introdução até ao fim desta semana; rever a literatura até ao início das férias da Páscoa (daqui a três meses), etc.

A investigação é como uma mina de ouro: escavar bastante, recolher um pouco e abandonar o resto. Ernest Hemingway disse uma vez que você sabe que está a escrever bem quando você deita fora material que é bom mas não tão bom como o que guarda.

## j) Escrita

Tente escrever frases pequenas, especialmente no primeiro rascunho de modo a não confundir o sentido em frases longas. Muito tempo da escrita é perdido em compor absurdos gramaticais que nunca existiriam se nos limitássemos a uma ideia por frase.

Se numa segunda revisão verificar que algumas frases são demasiado telegráficas e curtas, combine algumas delas para fazer uma sequência fácil. O ritmo que resulta da variação da extensão das suas frases pode contribuir com variedade e "*momentum*" para a sua escrita que a tornará mais agradável de ler.

Tente encontrar o seu estilo próprio de escrita e o modo de desenvolver ideias. Respeite o seu estilo. Se é mais fácil para si delinear um plano e depois desenvolvê-lo, faça isso mesmo. Mas, se demora mais tempo a desenvolver planos do que a escrever o texto completo não se deixe convencer por ninguém de que necessita de um plano.

Introduza uma certa disciplina no processo da escrita, comprometendo-se em escrever um dado número de horas (ou minutos) escrevendo ou produzindo um certo de número de páginas em cada dia. Se é difícil fazer isto, estabeleça objectivos mais pequenos e não os exceda no início. Se for necessário use o despertador do telemóvel e mesmo que esteja no meio de uma ideia, pare quando o despertador tocar. Sentir-se-á frustrado por ter de terminar e cada vez mais desejará prolongar o período da escrita mesmo por uns minutos. Se escrever uns parágrafos por dia, no fim da semana terá umas seis ou sete páginas resultantes do seu esforço. Isto é mais produtivo que passar 4 ou 5 horas por dia sem objectivos precisos.

Muitas pessoas encontram na elaboração de um plano um bom lugar para iniciarem os seus esforços da escrita. Uma vez o plano elaborado, é necessário escrever contra um auto-imposto prazo limite. Se o capítulo da Introdução é para começar num sábado às 9h00 da manhã, por exemplo, veja se o acaba pelas 12h00 horas (meio-dia). O desafio provocado pela tensão gerada pelo prazo limite ajuda também o processo criativo.

#### l) Espaço para a escrita

A maior diferença entre um trabalho de investigação e uma dissertação é a quantidade de tempo necessário para esta última seguindo-se a dimensão e profundidade. Consequentemente, é preferível encontrar um espaço próprio para escrever a dissertação e do mesmo modo a tese. Preferivelmente, deve ser um espaço em que se possam deixar seguramente os livros, as notas, os artigos e todas as folhas de um dia para o outro e deve, preferencialmente, também ficar resguardado da família e dos amigos.

Antes de começar a escrever, procure obter informações importantes do Director do seu programa de Mestrado ou Doutoramento quanto aos requisitos estabelecidos que deve seguir: formato, estilo, número de páginas, etc. Procure obter também recomendações de boas dissertações ou teses previamente defendidas. Reveja estes trabalhos para ficar com uma ideia sobre abordagens, estilo, número de páginas, etc. Estabeleça altos padrões de qualidade e rigor para o trabalho que vai desenvolver.

Desenvolva um horário para escrever a dissertação ou tese e mantenha-o com regularidade e determinação. Procure minimizar a influência de amigos e família durante o processo da escrita. Internalize a ideia de que o tempo de escrita é sagrado e necessário para atingir o seu objectivo final, sentir que está a fazer progresso e mesmo sentir que está a ter uma aprendizagem de investigação. Dois truques importantes que enviam a mensagem que você está a trabalhar a sério são fechar a porta do quarto

ou da sala onde está a escrever ou ter o rádio ligado enquanto escreve. Finalmente, não deixe passar um dia sem que inclua algum trabalho na sua dissertação: acrescentar, rever, analisar.

#### m) Escreva, reescreva, reescreva.

Todos os professores e alunos sabem que escrever é difícil, mas o melhor modo de começar é mesmo começar. Peter Elbow (1981) da Universidade de Oxford propõe uma abordagem à escrita que pode ser muito preciosa em alguns casos. Ele sugere que se separe o processo da escrita do processo da revisão. Para facilitar esse processo ele propõe o que ficou conhecido como escrita livre e escrita livre focada. Na escrita livre focada, sugere-se que se escreva sem parar sobre o tópico durante um determinado tempo. Se se bloquear, repete-se a última palavra ou escreve-se a palavra bloqueio. No início deve-se começar com um tempo curto de 5 ou 7 minutos de depois ir aumentando esse tempo.

Por outro lado, as palavras no ecrã do computador impulsionam esforços mais avançados. Tente começar com uma frase central e siga com algumas frases que fazem o plano dos parágrafos que seguem. O acto de escrever ajudará o processo criativo. Escreva de um modo simples. Use frases com sujeito, verbo e complemento. Utilize a maior parte das frases abaixo das 40 palavras. Produza frases de várias extensões. Inclua frases resummo ao fim de importantes secções. Uma vez começada a escrita, tente fazer o mais possível sem parar. Preocupe-se com a revisão mais tarde. Depois de completar uma secção emocionalmente exaustiva, premeite-se a si próprio com uma bebida fresca ou um café ou chá ou ande um pouco pela sala. Isto permite tempo para a reflexão sobre o que foi realizado e encoraja esforços subsequentes. Use títulos liberalmente. Um formato aceite pode ser este:

---

### TÍTULO PRINCIPAL

#### Subtítulo principal

O texto começa aqui....

Subtítulo secundário. O texto começa aqui....

Use a voz activa em vez da passiva sempre que possível. Tente informar em vez de impressionar.

Com a prática, o estilo de escrita melhorará. Um colega meu sugere que se deve escrever como se estivéssemos a falar para os nossos leitores. A conversa deve ser gramaticalmente correcta e sem coloquialismos.

A revisão é uma tarefa indispensável do processo da escrita e que está agora facilitada com a incorporação de dicionários nos computadores. Na verdade, os processadores de texto tornaram revisões inadequadas de palavras escritas, indesculpáveis.

Bons autores revêem os seus trabalhos cinco ou mais vezes. O processo de revisão é também uma ótima oportunidade para clarificar ideias e corrigir possíveis contradições.

Há diferentes abordagens no processo da revisão. Um autor recomenda o “marinar” ou seja, permitir que uma escrita fique um dia ou mais guardada antes da revisão. Alguns escritores esperam uma semana. Isto ajuda a ver o nosso trabalho como outros o verão. É muitas vezes surpreendente como algumas frases parecem confusas e complexas depois de terem “marinado” durante alguns dias.

Um outro método de revisão consiste na leitura em voz alta das passagens escritas. Isto ajuda a descobrir frases estranhas e confusas. Independentemente do método usado, o processo de revisão deve ser feito pausadamente e repetidamente até você ficar satisfeito. Não se esqueça que o produto final deve ser revisto pelo orientador.

A escrita deve ter uma organização interna e externa. Com a extensão das dissertações é conveniente usar subsecções com uma consistente estrutura interna. O Mestrando deve colocar-se as seguintes questões para ordenar e organizar a sua escrita: “O que é que os leitores necessitam de saber a seguir?”; e, “o que os leitores necessitam saber para compreenderem o que estou a escrever agora?” Use ligações de parágrafos para acturem como pontes entre as subsecções e apresente sumários para proporcionar ao leitor e mesmo a si próprio a oportunidade para avaliar o que foi apresentado. Use palavras e frases de ligação tais como “mas”, “contudo”, “por isso”, “por outro lado” ou “adicionalmente” que ajudam a construir um argumento cumulativo, em vez de apresentar afirmações sucessivas e ajuda a mover o documento em direcção ao destino que você tem em mente.

As conclusões e as recomendações devem ser apresentadas com confiança, reconhecendo as limitações do estudo. Alguns investigadores novos perguntam, sobretudo, quando estão a fazer a revisão da literatura: “Quando posso eu exprimir as minhas opiniões?” Isso é importante?”

A resposta é que a sua opinião não sustentada ou não baseada em dados, não é válida.

#### n) **Levantar cedo**

Levante-se cedo e domine totalmente o seu dia. Diz um autor americano “Michael Masterson” que as pessoas que se levantam cedo são mais felizes, mais saudáveis e mais produtivas no trabalho. Elas ficam em melhor forma, ganham mais dinheiro e dizem estar mais contentes com as suas vidas. Levante-se cedo e adiante o seu trabalho de dissertação. Lembre-se do slogan do exército, “*Nós fazemos mais até às nove da manhã do que muitas pessoas fazem no dia todo*”? Isto não é apenas um chamariz de recrutamento mas tem um pouco de verdade. Levantando-se algumas horas antes do sol nascer, o exército ensina-nos como realizar muito mais no tempo finito que temos na terra. É uma questão de hábito... ensine o seu corpo e a sua mente a levantar-se três horas mais cedo em cada dia e, imediatamente, você ganha um mês e meio completo ou 1080 horas extra para avançar na sua tese ou dissertação.

Por outro lado, a nossa vida tem sede de disciplina. A falta de disciplina tem custos avultados durante o processo da elaboração da dissertação, tese ou projecto. As propinas são excessivamente altas e os sacrifícios pessoais e familiares são avultados; para além de outros custos a nível profissional, de saúde, relações sociais, etc. Contudo, introduzir organização e disciplina na sua vida dá-lhe um atalho na direcção do seu objectivo; para além disso, a vida, no geral torna-se mais fácil, mais agradável e mais promissora. Comece agora mesmo! Inclua-se nos 50 % daqueles que acabam as suas dissertações, teses e projectos no tempo previsto e pré-determinado.

Pense frequentemente nos benefícios – você é aquilo que pensa na maior parte do tempo. Atitude positiva perante a vida. Aquelas pessoas que tendem a ter uma atitude mais positiva perante a vida têm mais sucesso, relações sociais mais intensas e são mais ricos. A atitude optimista perante a vida vem de recursos internos (auto-estima, confiança, auto-imagem, espiritualidade) e de recursos externos (organização, disciplina regras, etc.)

#### o) **Como evitar plagiarismo**

Fundamentalmente, plágio é usar palavras ou ideias de outras pessoas como se fossem nossas. Uma grande violação da conduta académica é

um aluno usar trabalho de colegas ou a utilização de trabalhos já feitos por outras pessoas ou alunos. Também é uma falta de honestidade flagrante copiar passagens de outros autores ou da Internet.

Então, em vez de copiar material nas suas páginas, tente sintetizar as ideias de autoridades com os seus próprios pensamentos usando as paráfrases. Repense e reconstrua ideias retiradas das suas leituras, faça conexões significativas, e então quando você fizer referência a uma fonte específica – como inevitavelmente fará – dê-lhe o devido crédito.

Como um investigador académico é obrigado a documentar ideias originais retiradas de fontes usadas. As citações ajudam a estabelecer a sua credibilidade porque você torna claro o que é que você leu e os leitores podem ver como é que as suas ideias se originaram.

Portanto, dê crédito a todas as ideias que você retirou de outros autores na página onde você faz a transcrição ou citação. Isto aplica-se a quaisquer ideias ou teorias que especialistas no campo reconhecem como pertencer a um autor específico. Isto não se aplica a ideias ou informações que são do senso comum no campo da educação.

Por conseguinte, plágio é a utilização de um texto ou de uma passagem sem referir o seu autor e apresentando-os como da autoria da pessoa que os utiliza. (Estrela et al., 2007).

A ausência da indicação da fonte e do reconhecimento da autoria de um texto que se reproduz literalmente num trabalho, é uma acção incompatível com o rigor e a honestidade intelectual, o chamado plágio directo: apresentar como seu o trabalho de uma outra pessoa. Outro tipo de plágio é o que resulta não de uma cópia literal mas de uma leve reformulação, da mudança de algumas palavras, apresentando, assim, um texto ligeiramente alterado sem, mais uma vez, referir a sua fonte, como se a sua autoria fosse de quem fez a cópia vagamente disfarçada.

Referir as fontes daquilo que se inclui num trabalho que não é original do autor desse trabalho, quer se trate de citações literais quer se trate de paráfrases, é um procedimento básico de honestidade intelectual. Acresce ainda que a apresentação das referências bibliográficas é um factor de valorização, legitimando o trabalho e demonstrando a qualidade das leituras realizadas.

No mundo académico, plágio é considerado um acto de desonestidade e fraude que tem consequências graves para o transgressor (nota negativa ou até mesmo zero ou processo disciplinar que pode evoluir em suspen-

são ou expulsão). Muitos alunos afirmam que foi um acto não intencional mas não pode haver desculpas.

O plágio ocorre quando um autor usa deliberadamente a linguagem, ideias ou material original (não do senso comum) sem reconhecer a fonte. A Universidade da Madeira no seu Regulamento de Avaliação de Aprendizagem dos Alunos da Universidade da Madeira, artigo 18º, ponto 4, refere o seguinte:

O plágio consiste na utilização de ideias e/ou trabalho produzido por outros, omitindo a fonte de informação. Considera-se que ocorre plágio, quando uma parte ou totalidade de um trabalho contém materiais não referenciados, isto é, que não são da autoria do(s) aluno(s), mas que são apresentados como tal, sendo omissa a fonte de onde foram retirados. A utilização, palavra por palavra, do texto elaborado por alguém sem identificar o autor, assim como parafrazear as suas ideias sem o indicar, é considerado plágio. A tradução directa, sem mencionar as fontes, também é considerado plágio.

#### p) Preparação da Defesa

Após ter entregue os vários exemplares da sua dissertação e o parecer do seu orientador afirmando que a dissertação se encontra em condições de ir a defesa pública, resta aguardar pelo **dia D**. Normalmente demora cerca de um mês ou mês e meio a processar-se a constituição do júri e a obter as aprovações preliminares.

Depois de ter entregue oficialmente a dissertação é a altura de trabalhar no seu *power point* para a apresentação introdutória de 20 minutos (Mestrados) ou de 20 a 30 minutos (Doutoramentos) onde você apresenta ao júri e à assistência a síntese do seu trabalho de investigação. Esta elaboração do *power point* já é uma excelente oportunidade para rever bem o seu trabalho. A exposição deve ter a estrutura semelhante à dissertação ou tese resumindo os capítulos correspondentes. Treine bem a sua apresentação e controlo para o tempo de 15 a 20 minutos. Faça um *power point* sóbrio (não abuse das cores nem da animação). Escreva em cada diapositivo o mínimo necessário. Tenha, ainda, em consideração estes conselhos: a) Saiba a sua dissertação de trás para a frente e de frente para trás; b) Estude bem as fontes, os autores e os estudos que você consultou e referir; d) Prepare-se para explicar e defender as suas opções metodológicas; e) Saiba bem o que é que os dados a que chegou significam; f) Prepare-se para interpretar tabelas e gráficos que você tem no seu estudo;

g) Sobretudo, assimile bem o seu último capítulo de modo a sabê-lo quase de cor; h) Antecipe algumas perguntas que lhe podem ser feitas (Pode consultar uma lista de perguntas possíveis no Apêndice B deste livro).

Como já deve saber a constituição do júri, consulte na *internet* o perfil dos membros que não conhece, sobretudo o/os arguentes/s. Normalmente, o arguente concentra-se na área que melhor domina e sobre a qual tem escrito; consulte o seu currículo na *internet* se estiver disponível (talvez na sua página pessoal ou página institucional).

Finalmente, uma primeira questão que se coloca aquando da defesa é o que incluir naqueles 20 minutos que o Mestrando tem para fazer uma síntese do seu trabalho. Nesse período de tempo, o Mestrando não pode deixar de apresentar o seguinte:

- ✓ Os objectivos da investigação, o contexto e as questões de investigação;
- ✓ Revisão da literatura relacionada assim como do conhecimento específico;
- ✓ Descrição e justificação da metodologia escolhida;
- ✓ Um resumo dos dados encontrados;
- ✓ Uma análise do que os dados sugerem;
- ✓ Conclusões e recomendações.

#### q) Durante a defesa

Finalmente chegou o grande dia, o dia D, que só pelo facto de ter chegado já é um grande acontecimento. É um momento que irá recordar pela sua vida fora. É uma data marcante que jamais esquecerá. Esteja calmo e tranquilo pois você tem um domínio da sua temática maior que qualquer outra pessoa que esteja presente na sua sala das provas. O facto de ter chegado aqui significa que o seu trabalho já foi preliminarmente avaliado e considerado adequado para uma defesa pública. Dê o seu melhor durante a defesa pois esta tem um peso significativo na sua nota final.

O artigo 22º do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março (Concretização do processo de Bolonha) e que regulamenta a constituição do júri de Mestrado refere que “o júri é constituído por três a cinco membros, incluindo o orientador ou orientadores” (ponto 2). O artigo 34º do mesmo decreto-lei regulamenta a constituição do júri de Doutoramento “o júri é constituído: a) Pelo reitor, que preside, ou por quem dele receba delegação para esse fim; b) Por um mínimo de três vogais doutorados; c) Pelo

orientador ou orientadores, sempre que existam”. O ponto 3 do Artigo 34º do mesmo decreto-lei refere que “dois dos membros do júri referidos no número anterior são designados de entre professores e investigadores doutorados de outras instituições de ensino superior ou de investigação, nacionais ou estrangeiros”.

Certamente que soube com alguns dias ou semanas de antecedência onde irá decorrer a sua defesa. Saiba se tem de levar consigo algum equipamento ou se a Universidade dispõe de todo o equipamento necessário. Com alguma antecedência, vá experimentar o equipamento, verifique as condições da sala, veja o lugar onde se vai sentar e teste a sua apresentação. Chegue pelo menos meia hora antes do início marcado para a sua defesa. Cumprimente os membros do júri e apresente-se àqueles membros que não conhece. A defesa, normalmente, começa com o Presidente do Júri a cumprimentar os restantes membros do júri, o candidato e a assistência e explica o desenrolar do processo da defesa assim como os tempos atribuídos a cada um. As provas não demoram mais que 90 minutos (para os mestrados) e 150 minutos (para os doutoramentos), tendo o candidato cerca de 20 minutos para fazer a apresentação geral do seu trabalho e depois o arguente e o candidato têm cerca de sessenta minutos para discussão do trabalho. O Presidente do Júri proporcionar-lhe-á tempo idêntico ao utilizado pelo arguente ou pelos membros do Júri para você poder responder às questões ou para argumentar. Não se esqueça de referir na sua apresentação como e porque você se interessou por essa temática de investigação, discutir brevemente o problema tal como você o concebeu, rever os principais estudos e autores da área, apresentar a sua metodologia e focar-se sobretudo e principalmente nas conclusões a que chegou, isto é, o seu último capítulo (resumir, interpretar e discutir os resultados) Normalmente os arguentes seguem uma destas metodologias: ou fazem a análise e crítica do trabalho durante o seu tempo collocando no fim uma série de perguntas ao candidato ou outra metodologia, esta-belecem uma conversa, um diálogo com o candidato sobre o trabalho. Prepare-se para, eventualmente, o arguente lhe perguntar que metodologia prefere: se ir respondendo às perguntas com o decorrer da arguência (diálogo) ou se o arguente fazer todas as perguntas em conjunto, de uma só vez. A fase das perguntas é a parte crucial do processo. Você deve responder às perguntas de maneira tal que revele que você está preparado para integrar a comunidade dos investigadores: está informado, articulado, e confiante. Ouça bem e registre as perguntas que lhe são feitas. Se, por acaso, não compreender bem a pergunta, repita a questão como você a entendeu ou peça clarificação. Nas suas respostas evite alguns erros comuns nestas circunstâncias: 1) Não fique na defensiva. Se lhe foi feita uma pergunta e você a percebe como um ataque não responda com um

contra-ataque: 2) Não apresente desculpas. Se lhe apontam um problema sério, ouça, admita o mérito da observação e indique que agradece o contributo; 3) Nunca culpe o seu orientador; poderia ter acontecido que o seu orientador lhe tivesse dado um mau conselho, mas a defesa não é a altura para revelar esse facto. No fundo, é a sua dissertação; responda-bilize-se por ela; 4) Não tome uma atitude de sobranceria em relação ao seu trabalho, ainda que você tivesse feito uma significativa contribuição para o campo de estudo; deixe os outros afirmarem isso. 5) Não tente responder a uma pergunta que não tenha percebido bem. Peça para que lhe repitam a questão; 6) Evite derivar para fora do âmbito do campo da sua dissertação ou tese. 7) Se lhe propuserem algumas alterações ou correcções aceite isso normalmente e agradeça a contribuição; 8) Estabeleça contacto visual com o seu arguente e com os restantes membros do júri,

Por último, o Presidente agradece ao arguente pela sua prestação e dá uns minutos ao orientador para fazer alguma consideração. Após isso, a assistência e o candidato retiram-me da sala e o júri discute a prestação do candidato durante a prova e o valor da dissertação, atribuindo-lhe depois uma nota quantitativa (no Mestrado) ou a classificação de Recusado ou Aprovado (no Doutoramento) e elaboram a acta. A prestação do candidato durante as provas, a maneira como respondeu às questões, como se comportou durante a arguência tem um peso significativo na sua nota final.

Finalmente, pode acontecer que, aquando da sua revisão e preparação para a defesa, se dê conta de alguns erros ou omissões na sua dissertação. Neste caso, deve fazer uma errata: faz uma tabela com as indicações das correcções (Onde se lê - Leia-se - Página - Parágrafo - Linha) por ordem crescente das páginas onde se encontram os erros. Antes do início das provas pede autorização ao Presidente do Júri e entrega uma cópia da errata a cada um dos elementos do Júri.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### LISTA DE VERIFICAÇÃO DA DISSERTAÇÃO (ANTES DA ENTREGA DA VERSÃO FINAL NA UNIVERSIDADE)

#### DISSERTAÇÕES/TESES

##### LISTA DE VERIFICAÇÃO

Esta lista ajuda-o/a a eliminar as falhas da sua dissertação ou tese que poderiam ser apontadas na sua defesa. Se tiver alguma dúvida nalgum destes aspectos, contacte o director do programa do seu Mestrado ou Doutoramento

António V. Bento

- O título está congruente com a temática fundamental da dissertação?
- O título tem, preferencialmente, menos de 12 palavras?
- O resumo tem menos de 300 palavras?
- O resumo está escrito em Português, Inglês, Francês e Castelhanu. (Mestrados e Doutorandos em Ciências da Educação da UMa)?
- Citações estão ausentes da Introdução?
- Coloquei as palavras estrangeiras em itálico?
- Os títulos das revistas académicas na lista de referências foram escritas por extenso?
- As referências (tanto nas chamadas de citações do texto entre parênteses quanto a lista de referências) foram ordenadas alfabeticamente pelos sobrenomes dos autores?

- Os números de páginas de todos os artigos ou capítulos de livros foram indicados na lista de referências?
- As referências são actuais (últimos 10 anos)
- A bibliografia usada centra-se principalmente em artigos científicos e não apenas em livros?
- O texto tem um espaçamento entre linhas de 1,5.
- As margens têm 3cm (esquerda) e 2,5cm (superior, inferior e direita)?
- As citações em bloco estão recuadas 1,3cm da margem esquerda e sem aspás?
- As citações longas têm corpo de letra de 10 e entrelinhamento de duplo espaço?
- As páginas do texto estão todas numeradas sequencialmente?
- Incluir nos anexos cópias das autorizações?
- Incluir nos apêndices cópias dos questionários e guiões das entrevistas?
- Todas as citações têm a fonte e o número da página ou o número do parágrafo (se não tem número)?
- As referências citadas no texto aparecem todas na lista de referências bibliográficas?
- As chamadas de citações do texto e as entradas na lista de referências estão de acordo tanto na ortografia quanto na data?
- A dissertação tem uma extensão não inferior a 32 mil nem superior a 42 mil palavras, excluindo resumo, índices, bibliografia, anexos e apêndices? (Mestrandos em Ciências da Educação da UMA); entre 100 mil e 120 mil palavras para teses de doutoramento (Doutorandos em Ciências da Educação da UMA).

- A numeração romana está desde o início até ao início da *introdução* e numeração árabe está a começar na página 1 a partir da *introdução*?
  - As referências bibliográficas estão de acordo com as normas da APA e inclui quatro espaços cada entrada excepto os nomes dos autores?
  - Tenho, em todo o texto, menos que quatro citações de fontes secundárias?
  - Todas as tabelas e todos os gráficos estão mencionados no texto?
  - Todas os gráficos e tabelas têm os seus títulos e estão numerados?
  - Todas as citações com mais de 40 palavras estão destacadas do texto?
  - Justifiquei duma maneira consistente o critério de escolha da população ou amostra?
  - Justifiquei o tipo de investigação utilizado?
  - As recomendações feitas estão baseadas nos resultados do estudo?
  - Incluir sugestões para futuras investigações?
  - Usei a terceira pessoa do singular ao longo do texto? (Mestrandos em Administração Educacional da UMA).
  - Tenciono preparar-me bem para a minha defesa pública e treinar a minha apresentação?
  - Tenciono defender o meu trabalho com convicção e eliminar do meu vocabulário "achismos" como "eu acho" e, em vez disso, usar "eu acredito" e "eu estou convicto/a"?
- Nota: Se tiver alguma dúvida sobre algum destes itens envie um email para [bento@uma.pt](mailto:bento@uma.pt)

## LISTA DE POSSÍVEIS PERGUNTAS NA DEFESA

### PERGUNTAS SUSCEPTÍVEIS DE OCORREREM NA SUA DEFESA

1. Por que razão escolheu estudar este problema? Por que razão não se focou, por exemplo, neste outro?
2. Diga-me o que você estava realmente a tentar saber? Não fiquei claro sobre o significado do seu problema.
3. Você fez uma revisão importante da literatura mas não fez o uso adequado dessa revisão. Pode clarificar agora o que você aprendeu com a revisão da literatura?
4. Quando fez a revisão da literatura, por que decidiu rever essa área em particular?
5. A sua revisão da literatura omite estes importantes autores e estudos. Pode explicar porque não decidiu rever estes trabalhos?
6. A sua revisão da literatura inclui este trabalho que já não é considerado importante. Por que decidiu incluí-lo?
7. Creio que você fez uma interpretação errada dos seus resultados. Podia rever novamente o que o seu estudo demonstrou?
8. Por que decidiu por esta metodologia em particular e não escolheu, por exemplo, esta?
9. Pode mostrar-me como é que o método que escolheu se relaciona com o que você definiu nos objectivos?
10. Você faz parte do ambiente de estudo. Pensa que esse facto, de algum modo, enviesou os resultados?
11. A amostra que seleccionou não é representativa da população. Reconheceu esse facto durante as suas conclusões?
12. Pode indicar-me que medidas tomou para que os princípios éticos fossem tidos em conta durante todo o processo de investigação?
13. Vamos à página x; não está claro, para mim, o significado desta tabela. Pode explicar o significado dela?

14. Faz referência, no seu texto, a estes dados mas não consigo identificar a origem desses números. Onde os foi buscar?
15. Há uma discrepância entre os números que apresenta na tabela da página x e os que apresenta na tabela da página y. Como explica essa discrepância?
16. No primeiro capítulo você colocou as seguintes perguntas de investigação. Não vejo que tivesse respondido cabalmente a todas. Pode vê-las e relacionar as perguntas com os seus resultados?
17. Não incluiu no seu resumo os resultados específicos do seu estudo. Pode explicá-los agora?
18. Não fiquei convencido de que as conclusões a que chegou derivam claramente dos seus resultados empíricos. Pode-me explicar essa razão?
19. Qual pensa ser a contribuição mais significativa ou mais importante do seu estudo?
20. Por que chama ao seu estudo “Estudo de caso”?
21. Que fontes usou para fazer esta afirmação, na página x ?
22. Como respondeu à sua pergunta de investigação?
23. Quais os autores mais importante (inquestionáveis, não periféricos) que estudou na sua revisão da literatura?
24. Que critério seguiu nos seus registos de bordo, notas de campo, observações?
25. Afirma que usou uma metodologia mista. Em que se fundamenta?
26. Que dados empíricos obteve das suas observações?
27. Por que decidiu fazer as categorias à priori e não optou por deixar que emergissem dos dados empíricos?
28. O que realmente pretendia saber com o seu trabalho?
29. Não ficou bem clara a amostra e o universo de estudo. Pode dizer-me qual era exactamente a sua amostra?
30. Você fez uma boa revisão da literatura. Pode dizer-me o que aprendeu de mais significativo dessa revisão?
31. Quais as limitações do seu estudo?
32. Que contributos práticos e teóricos podem advir da sua pesquisa?
33. Que recomendações oferece para futuras investigações?
34. Em que diferem as suas questões de investigação? Pode-me explicar?

35. Refere que fez entrevistas semi-estruturadas. A mim parecem-me muito estruturadas. Pode explicar?
36. Tem alguns planos para continuar este trabalho de investigação?
37. Tem citações de fontes secundárias quando estão disponíveis as fontes primárias. Por que não as consultou?
38. Não refere nada sobre as categorizações dos dados. Pode explicar porquê?
39. Em que divergem os seus resultados de outros estudos similares?
40. Qual o contributo do seu estudo para o avanço do conhecimento nesta área?
41. Refere que fez uma investigação-acção. Não está claro. Pode explicar?
42. A quem gostaria de recomendar a leitura da sua investigação?
43. Em relação aos princípios éticos, não preservou o anonimato da instituição. Porquê?
44. Qual a conclusão mais importante do seu trabalho?
45. Nunca referiu o universo do seu estudo. Pode referi-lo agora?
46. Por que não fez entrevistas? Com elas obteria dados mais ricos.
47. Testou o questionário? Explique as circunstâncias em que o fez.
48. Se pudesse começar de novo, o que fazia diferente em termos de investigação e em termos metodológicos?
49. Que procedimentos tomou na administração dos questionários? Quando foram administrados e como foram recolhidos?
50. Na sua perspectiva, como é que a sua investigação contribui com algo fundamentalmente importante, algo de novo, original, inédito, para o campo da educação apresentando novas perspectivas metodológicas, técnicas e pedagógicas?
51. Quanto tempo, em média, demorava o questionário a ser preenchido?
52. Quais as suas aprendizagens com este processo de investigação?
53. Este trabalho tem algumas implicações práticas?
54. Não fez recomendações para futuras investigações. Pergunto-lhe, agora, que recomendação pode fazer?
55. Não refere o contexto nem a duração das entrevistas. Por que seleccionou apenas duas escolas?
56. Que dados empíricos tem para sustentar essa afirmação?

57. Não há comunicação entre a parte teórica e os resultados do seu trabalho. Por que deixou isso acontecer?
58. As medidas que enuncia decorrem do seu trabalho?
59. Nas conclusões apresenta questões e impressões. As conclusões são mesmo para concluir. Por que sentiu essa necessidade?
60. Podia resumir em 3 ou 4 parágrafos as conclusões do seu estudo?
61. O que mais o/a surpreendeu neste trabalho de investigação?
62. O primeiro critério para avaliar estudos qualitativos é a credibilidade do estudo, ou seja, em que medida os dados, a análise dos dados e as conclusões são credíveis e confiáveis. Que confiança temos nos resultados e que conclusões apresenta?
63. Tem a fazer algumas recomendações a partir das implicações do seu estudo?
64. Gostaria que me dissesse se o seu "olhar" passou a ser outro a partir desta investigação.
65. Não fez o cruzamento entre as variáveis. Porquê?
66. Não faz referência a capítulos de livros nem a artigos de revistas científicas. Foi uma opção consciente?
67. A sua bibliografia está bastante desactualizada. A maior parte das referências têm mais de 10 anos. Porquê?
68. No seu texto faz muitas referências a textos não publicados. Porquê?
69. No seu texto usa bastantes citações muito longas não apresentando discussões de ideias e análise crítica. Porquê?
70. A sua bibliografia denota a omissão de estudos relevantes. Porquê?
71. Parece-me que fez uma interpretação errada do valor  $p$  ( $p = 0,000$ ) na tabela x. Pode dizer-me novamente a sua interpretação desse valor?
72. No seu questionário tem várias questões que não estão relacionadas claramente com o objectivo do estudo. Por que as incluiu?
73. Não faz referência a nenhum teste piloto ou pré-teste do questionário. Chegou a fazê-lo?
74. Parece-me que usa termos no seu questionário que dificilmente seriam compreendidos pelos seus respondentes? Identificou esse aspecto no pré-teste?

75. Pede informação aos respondentes que, me parece, eles não dispunham dela. Apercebeu-se dessa possibilidade?
76. Não estabeleceu a validade nem a fidelidade dos questionários. Que precauções tomou?
77. Não referenciou autores de obras de Metodologia de Investigação. Em que autores se baseou?
78. O seu questionário parece muito longo exigindo muito tempo para preenchimento. Pensa que esse facto afectou de algum modo a taxa de resposta?
79. A listagem das Referências Bibliográficas não está por ordem alfabética. Porquê?

## APÊNDICE C

### NORMAS BRASILEIRAS ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)

#### NORMAS DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BRASILEIRAS

Seguem-se os exemplos mais comuns de referências bibliográficas de acordo com as **normas ABNT 6023:2002** (normas de referências bibliográficas).

##### Regras gerais da apresentação das referências

1. O sobrenome dos autores pode ser escrito todo em maiúsculas ou somente com a primeira letra em maiúscula. Contudo, quando se escolhe um estilo, ele deve manter-se em todas as referências do trabalho.
2. As referências devem ser alinhadas à esquerda do documento, com espaçamento simples entre as linhas e espaçamento duplo entre as referências.
3. Deve utilizar-se algum recurso tipográfico (**negrito**, *itálico* ou sublinhado) para ressaltar o título da obra ou do artigo.
4. Normalmente as referências devem figurar numa seção própria denominada “Referências”, colocada no final do trabalho. Contudo, é permitido colocar as referências em notas de rodapé ou mesmo no final de cada parte do texto (por exemplo, no final de um capítulo).

#### Exemplos de referências

Formato geral de uma referência:

Nome do autor, Título da obra. Edição. Cidade: Nome da Editora, Ano da Publicação
-----------------------------------------------------------------------------------

## 1. Artigos científicos publicados em revistas

1.1 Até 3 autores: referenciam-se todos, separados por ponto e vírgula, seguidos de espaço.

ASSIS, L.; COUTO, V. As teorias da aprendizagem e as tecnologias digitais: Uma reflexão da aprendizagem. *Revista Científica Educare*, Fortaleza, v.2, n° 2, p.54-57, 2010.

1.2 Mais de 3 autores: indica-se o primeiro autor, acrescentando-se a expressão "et al."

NASCIMENTO, V. A. et al. Alunos de ensino fundamental e a criação de objectos de aprendizagem envolvendo a demonstração do teorema de Pitágoras. *Revista Científica Educare*, Fortaleza, v.2, n°2, p.71-77, 2010.

## 2. Livros

2.1 Um só autor

SOUSA, J. **O professor como pessoa**. Porto: Edições ASA, 2000.

2.2 Até 3 autores, referenciam-se todos, separados por ponto e vírgula, seguidos de espaço.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

2.3 Mais de 3 autores, referencia-se apenas o primeiro, seguido da expressão et al.

LAMAS, E. P. et al. *Contributos para uma metodologia científica mais cuidada*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

2.4 Editor/es; Organizador/es; Coordenador/es como autor/es.

BENTO, A.; MENDONA, A. (Org.). *Educação em tempo de mudança: liderança, currículo, inovação e supervisão*. 2ª ed., Porto: ITC, 2010.

2.5 Instituição/organização como autor

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). *Publication manual*, 6ª ed., Washington, DC: Autor, 2010.

2.6 Capítulo de livro

ESTEVES, M. Análise de conteúdo. In: LIMA, J.; PACHECO, J. (Org.). *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora, 2006. p. 105-126.

## 3. Teses e Dissertações

BRAZÃO, J. P. *Weblogs, aprendizagens e cultura da escola: Um estudo etnográfico numa sala do 1º ciclo do Ensino Básico*. [tese de doutoradjo]. Universidade da Madeira, Funchal, 2008.

BRITO, S. F. *Inovação pedagógica na formação continuada e sua influência no processo de ensino e aprendizagem*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade da Madeira, Funchal, 2008.

## 4. Trabalhos apresentados em eventos científicos

BENTO, A. *Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: Perspectivas dos alunos do 5º ano (2º Ciclo)*. In: I COLOQUIO DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DA MADEIRA, 6 e 7 de Dezembro de 2006, Funchal. *Actas do 1 Colóquio do Departamento de Ciências da Educação*, Funchal, 2006.

## 5. Legislação

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. 16.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.160, de 19 de Fevereiro de 1998. Altera, actualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, n. 36, 20 Fev. 1998. Secção I, p. 3-9.

## 6. Páginas da Internet e consulta electrónica (online)

UNIVERSIDADE DA MADEIRA. *Página institucional da UMA*. Funchal: UMA, 2011. Disponível em: <http://www.uma.pt>. Acesso em 4 de Agosto de 2011.

RIBEIRO, A.; BENTO, A. *As dimensões e práticas de liderança dos professores/alunos luso-brasileiros do ensino superior: Um estudo comparativo*. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/repositorio/bento.html>. Acesso em 4 de Agosto de 2011.

## APÊNDICE D

### PFF – PERGUNTAS FEITAS FREQUENTEMENTE

#### PFF (Perguntas feitas frequentemente)

- 1. O que é plagiar?**  
Em termos simples é o uso de palavras originais ou ideias de outras pessoas como se fossem suas.
- 2. Para evitar plágio devo citar todos os factos?**  
Não. O que faz parte do senso comum, não é necessário citar.
- 3. Com que frequência devo citar?**  
Na maior parte dos casos parafrasear ou resumir as fontes é suficiente (mas têm de ser citadas). Se pensa que é necessário citar textualmente algum autor, uma regra tradicional é a seguinte: para cada duas linhas citadas, você devia ter duas linhas a analisá-la.
- 4. Quando devo utilizar e ou &?**  
O e utiliza-se nas citações dentro do texto, fora dos parênteses: Bento e Ribeiro (2010) afirmaram que...  
O & utiliza-se nas citações no corpo do texto que aparecem dentro de parênteses e também na lista de referências bibliográficas: (Bento & Ribeiro, 2010).
- 5. Quando devo fazer citação literal ou citação interpretada?**  
Existem dois tipos de citação: a citação literal e a citação interpretada. Na literal, o autor copia o texto original e coloca-o entre aspas. Na interpretada, o autor escreve a ideia apresentada no texto original com suas próprias palavras.  
**Nota:** Evite fazer muitas citações literais no seu trabalho. O excesso de citações literais empobrece o trabalho e retira originalidade ao trabalho.
- 6. Como faço citações longas?**  
Nas citações com mais de 40 palavras ou três linhas, apresente a citação num bloco de texto independente e omita as aspas. Inicie, assim, uma citação em bloco numa linha independente e recua-a a 1,3 cm da margem esquerda. Se houver parágrafos na citação, recue a primeira linha de cada um cinco espaços

### 7. Como faço uma citação literal de texto dum autor já citado por outro?

Use o nome do autor e ano e coloque "citado por" autor e ano: (Leithwood, 2010, citado por Bento, 2011, p. 10)

### 8. Como faço uma citação interpretada?

Quando você escreve as ideias do autor com suas próprias palavras, apresente o nome do autor e o ano entre parênteses. Darwin (1859) apresentou a teoria da evolução das espécies...

### 9. Como devo citar um trabalho com muitos autores?

Se o trabalho tem dois autores, incluir sempre o sobrenome dos dois em toda a citação que se fizer do trabalho deles, usando a conjunção "e" entre os dois últimos sobrenomes: Ribeiro e Bento (2009)

Se o trabalho tem três, quatro ou cinco autores, citar todos os sobrenomes na primeira vez em que a citação ocorre e nas citações subsequentes citar o sobrenome do primeiro autor seguido por *et al.*

Se o trabalho tem seis autores ou mais, colocar o sobrenome do primeiro autor seguido de *et al.*

### 10. Como faço a citação de um trabalho clássico?

Quando um texto é bastante antigo e não tem data de publicação, coloque na referência a notação s.d. (sem data) no lugar da data, ex. Platão (s.d.).

Quando a data de publicação é bastante antiga e o texto consultado é uma versão mais actual, colocar a data das duas publicações no texto mas na lista de referências é citada apenas a versão mais actual que foi lida. Ex: Freud (1889/1964)

### 11. Quando devo usar as notas de rodapé?

A utilização da nota de rodapé deve ser evitada. Utiliza-se uma nota de rodapé quando se quer fazer um esclarecimento sobre algo, sem interromper o fluxo do texto, como traduzir citações em língua estrangeira, inserir considerações complementares, etc. As notas de rodapé devem ser breves e numeradas em algarismos árabes (1,2,3,4, etc.), iniciando a contagem na primeira nota do trabalho.

### 12. Quando devo utilizar a voz passiva e a voz activa?

Sempre que possível use a voz activa. Ex: Este autor **conduziu** um estudo de caso numa escola da Camacha em vez de: Um estudo de caso **foi conduzido** por este autor numa escola da Camacha.

### 13. Quando incluo o DOI (Digital Object Identifier)?

A última edição do Manual APA, recomenda que, no final de referências retiradas da internet seja incluído o número do DOI (Digital Object Identifier)

que indica objecto de propriedade intelectual. Quando o número não estiver disponível, deve-se incluir o endereço electrónico URL. Exemplos:  
DOI:

Bento, A. & Ribeiro, M. (2010). Sustainable leadership of senior students: The case study of Madeira. *Journal of Teacher Education for Sustainability*, 12(11), 66-74. Doi: 10.2478/v10099-0047-9.

URL

Correia, J. & Caramelo, J. (2010). Autonomias e dependências do campo de investigação educacional em Portugal. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, 12, 27-36. Retirado de <http://sisifo.fcce.ul.pt/?i=30&p=27>

### 14. Como se numeram as tabelas e as figuras?

Numere todas as tabelas e figuras com números árabes na ordem pela qual aparecem mencionadas pela primeira vez no texto: Tabela 5, Tabela 6, e tabela 7 ou Figura 5, Figura 6 e Figura 7. Se incluir alguma tabela ou figura em apêndice, identifique esses elementos do apêndice com letras maiúsculas e números árabes (ex: Tabela A1 é a primeira tabela do apêndice A).

Pode-se seguir a numeração sequencial ou pode-se recorrer à numeração decimal, com o capítulo a designar o primeiro número (Tabela 1.1 e Figura 1.1 serão as primeiras do primeiro capítulo; Tabela 2.1 será a primeira do segundo capítulo, etc.)

### 15. Como são tituladas as tabelas e as figuras?

As tabelas são tituladas por cima (com um título cimeiro), em itálico com iniciais maiúsculas. Pelo contrário, as figuras são tituladas por baixo. A expressão Figura vai em itálico e os títulos em letra normal com iniciais maiúsculas.

### 16. Como se faz a referência a vários autores no texto?

Colocam-se os últimos nomes dos autores e os anos de publicação por ordem alfabética e separados por ponto e vírgula dentro de parêntesis.

### 17. A introdução já faz parte do primeiro capítulo da dissertação?

Na organização tradicional a Introdução já faz parte do Capítulo I sendo os outros os seguintes: Capítulo II: Revisão da Literatura; Capítulo III: Metodologia; Capítulo IV: Resultados; Capítulo V: Análise (e Interpretação) dos Resultados e Capítulo VI: Conclusões. As referências bibliográficas não formam um capítulo e iniciam-se numa nova página.

### 18. Na introdução já se apresentam as questões de investigação?

No capítulo da Introdução, o investigador já deve explicitar as hipóteses formuladas ou as questões de investigação a que pretende responder com o

estudo. No capítulo da Metodologia, reiteram-se as questões de investigação para que o leitor não tenha de ir de novo ao primeiro capítulo a fim de se recordar das questões de investigação.

### **19. Devem-se numerar os capítulos ou colocar apenas Introdução, Revisão da Literatura, etc?**

Por uma questão de lógica interna e organização da dissertação/tese devem numerar-se todos os capítulos.

---

## APÊNDICE E

### **PARTES PRINCIPAIS DE UMA DISSERTAÇÃO OU TESE**

#### **PARTES PRINCIPAIS DE UMA DISSERTAÇÃO OU TESE**

Capa  
Página de rosto  
Dedicatória  
Agradecimentos  
Resumo  
Índice Geral  
Índice de Quadros  
Índice de Tabelas  
Índice de Gráficos  
Índice de Figuras  
Índice de Apêndices  
Índice de Anexos  
Siglas Utilizadas

#### **APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA**

Introdução:  
Enquadramento teórico  
Propósito do estudo  
Definição de conceitos  
Perspectiva do estudo  
Importância do estudo  
Limitações do estudo  
Organização da dissertação ou tese

#### **REVISÃO DA LITERATURA**

Introdução/Organização cronológica  
De estudos gerais para estudos particulares  
Linhas de investigação  
Considerações metodológicas da investigação actual  
Sumário (pertinente a estudos actuais)

#### **METODOLOGIA/DESENHO DO ESTUDO**

Introdução  
Questões de investigação

Amostra  
Instrumentos  
Recolha de dados e organização  
Fiabilidade e validade (Considerações para objectividade)

**RESULTADOS DO ESTUDO**

Explicar como os dados foram organizados e apresentados  
Apresentar resultados em sequência  
Sumarizar e estabelecer "redes de significados"

**ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Análise e síntese dos dados obtidos  
Triangulação com outros dados e com a literatura

**CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES**

Introdução  
Sumário e discussão de resultados e inferências  
Conexões com investigações anteriores  
Conclusões  
Propostas para estudos futuros

Referências Bibliográficas  
Apêndices  
Anexos

UMA SDA  
N.º B112878  
DATA: 08/02/2013

VERSÃO MAIS COMPLETA EM  
[www.uma.pt/bento](http://www.uma.pt/bento) (Repositório)

**Livro de um só autor:**

SOUSA, J. **O professor como pessoa.**  
Porto: Edições Asa, 2000.

**Livro com dois organizadores:**

Bento, A.; Mendonça, A. (Org.). **Educação em tempo de mudança: Liderança, currículo, inovação e supervisão** (2ª ed.). Porto: ITC, 2010

**Capítulo de livro:**

ESTEVES, M. Análise de conteúdo. In J. LIMA; J. PACHECO (Org.). **Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses.** Porto: Porto Editora, 2006, p. 105-126.

**Artigo publicado numa revista científica:**

ASSIS, L.; COUTO, V. As teorias da aprendizagem e as tecnologias digitais: Uma reflexão da aprendizagem. **Revista Científica Educaré**, Fortaleza, v.2, n° 2, p.54-57, 2010.

**Teses e dissertações**

BRAZÃO, J. P. **Weblogs, aprendizagens e cultura da escola: Um estudo etnográfico numa sala do 1º ciclo do Ensino Básico.** [Tese de doutoradol]. Universidade da Madeira, Funchal, 2008.

BRITO, S.F. **Inovação pedagógica na formação continuada e sua influência no processo de ensino e aprendizagem.** [Dissertação de Mestrado]. Universidade da Madeira, Funchal, 2008.

✓ – Todas as referências feitas no texto devem figurar na Lista das Referências.

✓ – As referências devem ser alinhadas à esquerda do documento, com espaçamento simples entre as linhas e espaçamento duplo entre as referências.

\*\*\*\*\*

[www.uma.pt/bento](http://www.uma.pt/bento)